

Cadernos de Tradução

Instituto de Letras

Nº 15 – Julho - Setembro de 2001

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	3
GANSOS SELVAGENS (<i>Trechos</i>).....	9
Mori Ôgai	
<i>Tradução: Samara Leonel Wild</i>	
KESSA E MORITÔ.....	21
Akutagawa Ryunosuke	
<i>Tradução: Ricardo da Silva Machado e Meiko Shimon</i>	
TANGERINAS.....	29
Akutagawa Ryûnosuke	
<i>Tradução: Ernei Ribeiro</i>	
A ESTRELA DO FALCÃO NOTURNO.....	33
Miyazawa Kenji	
<i>Tradução: Tomoko Kimura Gaudioso</i>	
FRÁGIL RECIPIENTE.....	39
Kawabata Yasunari	
<i>Tradução: Meiko Shimon</i>	
GAFANHOTO E SUZUMUSHI.....	41
Kawabata Yasunari	
<i>Tradução: Meiko Shimon</i>	
UMA MOEDA DE PRATA DE CINQUÊTA SENS.....	45
Kawabata Yasunari	
<i>Tradução: Patrícia de Negreiros Philippsen</i>	
A DANÇARINA DE IZU (<i>Trechos</i>).....	51
Kawabata Yasunari	
<i>Tradução: Gizelda Ribeiro da Silva</i>	
POEMAS DE NAKAHARA CHÛYA.....	61
Canção de uma tarde de verão.....	61
<i>Tradução: Ricardo Barata Martins</i>	
Praia ao luar.....	62
<i>Tradução: André Luis Aguiar</i>	
Uma adolescência.....	63
<i>Tradução: Kazue Imasato</i>	
Fantasia.....	64
<i>Tradução: Meiko Shimon</i>	



Cadernos de Tradução

do Instituto de Letras

Diretora: Prof^a. Sara Viola Rodrigues

Vice-Diretora: Prof^a. Gilda Neves da Silva Bittencourt

COMISSÃO EDITORIAL

Prof^a. Éda Heloisa Pilla

Prof^a. Lúcia Sá Rebello

Prof^a. Maria Lúcia Machado de Lorenci

Organizadora deste número: Prof^a. Meiko Shimon

Revisão deste numero: Edson Acir Cardoso da Rosa

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 33166689 Fax: (051) 33167303

<http://www.ufrgs.br/iletras>

E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

Apresentação

É com muita satisfação que aceitamos o convite da Direção do Instituto de Letras para organizar mais um número dos *Cadernos de Tradução* com os autores japoneses em tão breve espaço de tempo, visto que o volume 7 dos Cadernos, trazendo os contos de Kawabata Yasunari, foi lançado em setembro de 1999. Na oportunidade em que o Instituto de Letras da UFRGS está sediando o XII Encontro Nacional de Língua, Literatura e Cultura Japonesa e II Encontro Nacional de Estudos Japoneses, em agosto-setembro do corrente, o lançamento deste volume, que reúne alguns dos mais importantes autores modernos de língua japonesa, vem ao encontro do principal objetivo deste evento, qual seja oferecer amplo espaço para divulgação e debates sobre os assuntos relacionados com Língua, Literatura e Cultura Japonesas.

Nesta nova coletânea, reunimos as obras de cinco escritores, sendo um deles poeta, o que, de certa forma, pode ser considerada uma pequena amostragem da literatura moderna japonesa. O período contemplado abrange da década de 1910 até o final da II Grande Guerra, ou seja, de acordo com o calendário japonês, a era Taishô (1912 – 1926: reinado do Imperador Taishô) e parte da era Showa (1926 – 1989: reinado do Imperador Shôwa).

Decorrido cerca de meio século desde a abertura dos portos para o Ocidente e tendo saído vitorioso nos conflitos bélicos contra a China (1894–1895) e a Rússia (1904-1905), o Japão seguia pelo caminho da modernização. A era Taishô foi um período de relativa paz e de liberdade, proporcionadas pelo clima de aparente prosperidade econômica, porém, as desigualdades sociais cada vez mais acentuadas entre as camadas favorecidas e a dos trabalhadores resultaram no descontentamento destes últimos. A ideologia marxista, que se propagou rapidamente entre os trabalhadores e intelectuais, e o grande terremoto que devastou a região de Tóquio-Yokoyama, em 1923, modificaram profundamente os valores que norteavam o comportamento do povo Japonês. A partir de meados dos anos 30, com o estabelecimento do governo militar, o Japão foi levado aos sucessivos conflitos bélicos até o término da II Grande Guerra.

No início do século XX, a Literatura Japonesa havia assimilado a essência das teorias literárias ocidentais e a questão da unificação da língua falada e da escrita já havia sido resolvida com o estabelecimento de uma linguagem semelhante àquela que é praticada até a atualidade. A corrente literária predominante na época era o Naturalismo japonês, que tinha como

ideal literário a narrativa introspectiva inspirada na vivência particular do autor, tornando público seus conflitos internos meticulosamente analisados. Tal tipo de criação literária contribuiu enormemente para a libertação dos fortes laços da tradição, cujos valores estavam ainda fortemente ligados aos rígidos conceitos moralistas do passado, mas tornava a literatura uma matéria séria e distanciada do leitor comum. Surgiram, então, nos anos 20, os movimentos contrários ao Naturalismo – entre os quais os proletários e os modernistas - liderados por jovens que pretendiam revitalizar a literatura japonesa, enriquecendo-a de cores e paixões. Esses movimentos, inclusive o próprio Naturalismo, foram frustrados parte devido à repressão das autoridades, que viram na literatura, associada às ideologias sociais, uma ameaça à estabilidade do seu governo, e parte à falta de embasamento teórico de suas próprias ideologias. As rigorosas censuras do governo militar sobre as publicações fizeram com que muitos escritores deixassem de produzir, ou pelo menos publicar, durante muitos anos, até o final da II Guerra.

A era Taishô por ser um período curto não chega a formar uma literatura característica, pois muitos escritores que iniciaram a carreira literária no século anterior e ganharam uma sólida posição no mundo literário japonês continuavam com sua criação já em seu estilo amadurecido, a exemplo de Mori Ôgai. É nessa época, também, que os jovens escritores como Kawabata Yasunari, Miyazawa Kenji e o poeta Nakahara Chûya, engajados ou não aos movimentos literários, estavam ingressando no mundo da criação literária.

Mori Ôgai (1862–1922): Um dos grandes mestres da literatura japonesa de todos os tempos. Desde criança recebeu uma educação privilegiada, tendo estudado holandês e alemão. Em 1881, graduou-se médico na Universidade Imperial de Tóquio, entrando para as forças armadas como oficial-médico. Enviado para Alemanha, em 1884, permaneceu por 4 anos. Ôgai dedicou-se à literatura européia, paralelamente ao estudo da moderna tecnologia médica, e contribuiu enormemente para a modernização da literatura japonesa ao introduzir nesta os estudos de teorias literárias européias. Sua primeira obra de ficção, *Maihime* (*A bailarina*, 1890), aclamada como o marco da literatura moderna japonesa, é baseada na própria experiência amorosa com uma bailarina que conheceu em Berlim. Enquanto seguia a carreira de médico do exército, no qual alcançou posto de alto comando, desenvolvia intensa atividade criativa. Permaneceu alheio ao movimento naturalista, estabelecendo um estilo narrativo de linha racionalista que

coaduna com sua formação de médico-militar, complementado com seu conhecimento da língua chinesa e, sobretudo, de literatura clássica japonesa. O romance *Gan* (*Os gansos selvagens*, 1911), como outras criações desta época, revela a ansiedade de pessoas comuns em busca de razões para viver com dignidade, embora, de certa forma, marginalizadas em uma sociedade em processo de acentuada transformação.

Como aconteceu com muitos intelectuais contemporâneos, a morte do Imperador Meiji exerceu profundo impacto em Ôgai que, a partir de então, buscou temas no passado, abordando as questões universais inerentes à própria natureza humana. No *Gan* – parcialmente traduzido aqui – o tênue sentimento de amor que floresceu entre Otama, concubina de um comerciante, e o jovem estudante Okada, faz com que ela desperte consciência-de-si mesma como mulher e ser humano, embora esse amor jamais venha a ser concretizado.

A tradução apresentada nesta coletânea está baseada, inicialmente, na versão em inglês e, posteriormente, submetida à revisão minuciosa em confronto com o original em japonês.

Akutagawa Ryûnosuke (1892–1927): Nasceu e cresceu em Tóquio. É o único escritor, cujo período criativo compreende toda a era Taishô na história da literatura moderna japonesa, embora seu estilo fosse totalmente diferente da corrente predominante. Desde seus primeiros contos, *Hana* (*O nariz*, 1916) e *Rashomon* (*Rashômon*, 1915), o seu estilo refinado e a postura irônica perante os dramas humanos despertam no leitor a viva sensação de se deparar com uma literatura da elite moderna. Ryûnosuke ateu-se somente aos contos, buscando temas variados, desde histórias e lendas do Oriente e Ocidente até os episódios da sua época. Sua obra trata de temas universais que ultrapassam as fronteiras da nação ou da época, razão pela qual até hoje, e cada vez mais, continua cativando os leitores japoneses e estrangeiros.

Kessa e Moritô é um conto inspirado em um episódio narrado, de forma muito breve, em uma obra clássica do século XIII, que conta a paixão entre a bela Kessa e o bravo, mas intempestivo, Moritô. O amor impossível da mulher casada com o jovem guerreiro é recontado por Akutagawa, escritor classificado de satanista, de forma pouco lisonjeira quanto à natureza humana. O mesmo episódio originou o belo filme de Teinosake Kinagasa, *Jigoku-mon* (*O portal do inferno*) no qual o trágico amor de Kessa, que a leva ao supremo sacrifício, desperta Moritô para a vida dedicada à fé. Na vida real, Moritô chegou a ser sumo-sacerdote

budista de virtudes reconhecidas. “Tangerinas” é mais uma crônica do que uma ficção. Ao presenciar uma cena que testemunha a força do amor que une pequenos irmãos da classe humilde, o coração do homem moderno, insensibilizado e alienado pela soberba e aborrecimentos da vida entediante, ganha momento de reconciliação consigo mesmo.

Miyazawa Kenji (1896–1933): Durante muito tempo foi apenas um escritor e poeta que deixara as histórias infanto-juvenis. Sua grandeza e singularidade ainda não estão totalmente avaliadas. Se há alguém que viveu muito adiantado para sua época, este foi Kenji. Decorridos 100 anos de seu nascimento, não apenas a crítica literária, mas estudiosos de diversas áreas humanísticas, sobretudo da antropologia, vêm aprofundando pesquisas sobre o imenso universo de sua obra e extraordinária personalidade. Nasceu e viveu em Hanamaki, na Província de Iwate, onde se formou em uma escola agrícola e, ainda adolescente, tornou-se adepto fervoroso da seita budista Nichiren. Aos 19 anos, começou escrever, mas suas obras, todas infanto-juvenis, não ganharam nenhuma atenção do meio literário. Humanista, idealista, vegetariano e ecologista, quando os conceitos desta última palavra nem eram conhecidos, abriu mão de poucos bens, vivendo quase na penúria; dedicou-se de corpo e alma à melhoria das condições de vida da população da sua região. Contudo, por ser de uma família tradicional já em declínio numa região agrícola pobre devido principalmente ao clima adverso, era hostilizado e considerado um excêntrico.

Escrito com profundo amor pela humanidade para ser “seu verdadeiro alimento transparente” o mundo imaginário de Kenji não é um mundo encantado de magia e sonhos inocentes, mas habitado por homens e animais que carregam o seu fardo de solidão e de conflitos internos. No entanto, através do supremo sacrifício de sua personagem, uma luz de esperança aponta para a direção que a humanidade deveria seguir. Kenji que deixou como obra póstuma a mais longa das suas narrativas “Ginga Tetsudô no yoru” (*Uma noite no Trem da Via-Láctea*); adiantando em muitas décadas as viagens espaciais, possuía as dimensões cósmicas já em obras da fase inicial. “A estrela do falcão noturno” pode ser considerada autobiográfica: como o falcão noturno, Kenji alcançou, finalmente, a eternidade entre os grandes nomes da Literatura Japonesa.

Kawabata Yasunari (1899–1972): O número 7 dos Cadernos de Tradução foi dedicado aos 100 anos de Kawabata, reunindo 10 contos breves

denominados *Contos que Cabem na Palma da Mão*. Neste número, incluímos mais três destes contos e os primeiros capítulos de seu renomado romance *A dançarina de Izu* (*Izu no odoriko*, 1926). Esta obra aborda a história de um estudante que, com problemas de relacionamento com as pessoas, viaja pela península de Izu, vindo a conhecer um grupo de artistas ambulantes os quais decide acompanhar; no grupo há uma pequena dançarina que lhe desperta o amor. Baseado na experiência vivida aos 19 anos, Kawabata escreveu este romance que se tornou clássico na literatura moderna japonesa. No conto “Frágil recipiente” (“Yowaki utsuwa”, 1924) o autor usa o sonho como recurso para revelar sua angústia e a sua inconformidade devido a um amor frustrado. “Gafanhoto e suzumushi” (“Batta to suzumushi”, 1924) é um conto que apresenta um mundo de fantasia que só existe no universo infantil, mundo este que se perde de modo irreversível quando deixamos de ser crianças. Aclamado como “a bela poesia feita prosa”, a tradução de “Gafanhoto e suzumushi”, apresentada aqui, é apenas uma tentativa de passar para o português esta história. Aparentemente uma descrição de episódios do cotidiano, “Uma moeda de prata de 50 sens” nos mostra a inconstância da vida que afeta o destino de todos, até mesmo uma garota singela como Yoshiko. No meio de toda violenta transformação que modificou o destino de uma nação, o pequeno objeto de vidro continua irradiando a sua luz.

Nakahara Chûya (1907-1937): Chûya nasceu na Província de Yamaguchi, Japão. Desde cedo, desejou ser poeta, tendo publicado seus primeiros poemas em estilo dadaísta. Formou-se em Língua Francesa, pela Universidade de Línguas Estrangeiras de Tóquio. Em 1934, publicou sua primeira coletânea de poemas *Yagi no uta* (Canções de uma cabra), em que se percebem influências de Rimbaud e Verlaine, que já anuncia o seu próprio estilo, de um lirismo aparentemente clássico, imbuído de uma sensação melancólica e niilista. Chûya inspirava-se em pequenos acontecimentos do dia-a-dia, sublimando-os à beleza da fantasia que oculta as angústias de jovens da sua época. Morreu de meningite antes de completar 30 anos. Os poemas traduzidos aqui são da sua segunda coletânea, *Arishi hi no uta* (Canções de outrora), organizada, postumamente, em 1938.

Para finalizar, gostaríamos de registrar o nosso agradecimento à Profa. Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira, ex-Diretora do Instituto de Letras, que nos convidou para organização deste número. Agradecemos, também, aos colegas e alunos do Setor de Japonês pela colaboração e

empenho e, em especial, à família de Kawabata Yasunari que nos concedeu, mais uma vez, a permissão para a publicação de suas obras.

Meiko Shimon
Organizadora
Coordenadora da equipe de tradução

Gansos selvagens (*Trechos*)

Mori Ôgai

Tradução: Samara Leonel Wild¹

Revisão: Meiko Shimon²

CAPÍTULO I

Esta história aconteceu há muito tempo. Mas, casualmente, lembro-me que foi no décimo terceiro ano do reinado do Imperador Meiji³. A data me ocorre tão precisamente porque nesta época eu estava na pensão dos Kami-jô, bem em frente ao portão de ferro da Universidade de Tokyo, e porque meu quarto era vizinho ao do herói desta história. Quando o lugar incendiou-se, no décimo quarto ano, queimando por completo, eu era um dos que perderam todos os seus pertences. O que vou escrever, lembro-me bem, passou-se exatamente um ano antes do incêndio.

Quase todos os hóspedes do Kami-jô eram estudantes de medicina, com exceção de uns pacientes que faziam tratamento no Hospital Universitário. Minha experiência mostra que em uma residência deste tipo normalmente tem alguém mais influente entre seus hóspedes, devido à disponibilidade financeira e perspicácia. Quando este passava pelo corredor ante o quarto da proprietária, que se instalava rente ao braseiro⁴ com armação de madeira, sempre fazia questão de cumprimentá-la, sentava às vezes a sua frente e, então, conversavam sobre amenidades. Algumas vezes, quando fazia festas regadas de saquê em seu quarto e pedia que ela preparasse os aperitivos, ele parecia preocupado apenas consigo mesmo, mas na realidade tinha o cuidado de proporcionar ao senhorio alguma compensação pelos seus esforços. Normalmente, este tipo de homem ganha respeito dos colegas e toma vantagem disso, sobrepondo-se aos outros. No entanto, meu vizinho de quarto, que também tinha certo poder em Kami-jô, era um tipo de homem completamente diferente.

¹ Acadêmica em Japonês-Português do Instituto de Letras – UFRGS.

² Professora Assistente do Setor de Japonês do Instituto de Letras – UFRGS. Mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela USP. Doutoranda em Literatura Comparada pelo Instituto de Letras – UFRGS.

³ Equivalente a 1880. (Nota do T.)

⁴ Braseiro: uma caixa ou pote de madeira, metal ou cerâmica, contém espessa camada de cinzas onde é colocada a brasa. Serve como estufa, mas, sobretudo, para aquecer as mãos.

Esse estudante, chamado Okada, era um ano mais novo do que eu, portanto, estava ainda longe de sua formatura. Para falar de sua personalidade, devo começar por uma característica marcante. Com isso, quero dizer que era um belo homem. Mas não no sentido de ser pálido e elegantemente esguio. Tinha a pele corada e uma constituição forte. Dificilmente encontraria outro homem com um rosto tão singular. Forçado a fazer uma comparação, alguém que se assemelhava a Okada era o jovem Bizan Kawakami⁵ (trata-se daquele escritor que caiu na miséria e morreu tragicamente). No entanto, o físico de Okada, que praticava remo nessa época, superava largamente o do escritor Kawakami.

Uma boa aparência pode dar vantagem às pessoas, mas não é suficiente para alguém ser influente numa pensão. Assim, falando quanto ao comportamento de Okada, duvido que haja alguém que levasse uma vida tão equilibrada quanto ele. Não era estudioso a ponto de tentar a nota máxima a cada trimestre acadêmico, ansiando por uma bolsa de estudos. Okada se esforçava o quanto julgava necessário, jamais ficando abaixo da média da sua turma. E, em seu tempo livre, procurava se divertir. Após o jantar, que era servido ao entardecer, invariavelmente dava um passeio, retornando rigorosamente antes das dez. Aos domingos, praticava remo ou empreendia uma longa caminhada. Exceto quando se reunia à equipe de remo para a concentração antes de uma competição, ou quando retornava à sua casa no interior para as férias de verão, os horários do meu vizinho de quarto, quando estava ou se ausentava, jamais se alteravam. Sempre que algum hóspede esquecia de acertar o relógio pelo sinal do meio-dia⁶, ia até o quarto de Okada para fazê-lo. Ocasionalmente, o próprio relógio do escritório dos Kami-jô era acertado pelo relógio de bolso de Okada. Quanto mais o observávamos, mais forte se tornava a impressão de ser ele realmente uma pessoa séria. O elogio da madame para Okada, ainda que ele não se esforçasse em agradar à proprietária, nem fizesse gastos exagerados, estava baseado na confiança que inspirava. É desnecessário dizer que um dos motivos para isto era o fato de pagar o aluguel com regularidade.

Ela sempre dizia: "Vejam só o Sr. Okada!".

Porém, antecipando suas palavras, alguns estudantes diziam: "De qualquer modo, eu não consigo ser como ele". Dessa forma, com o passar do tempo ele acabou se tornando o hóspede padrão da casa.

Okada mantinha rotas regulares para as suas caminhadas diárias. Ia por uma solitária ladeira chamada Muenzaka e contornava o lado norte

⁵ Bizan Kawakami (1869-1908). Romancista que adotou um estilo de expressão subjetiva.

⁶ Sinal do meio-dia. Nesta época, o exército disparava o canhão ao meio-dia no quartel-general.

do lago Shinobazu, no ponto onde desembocavam as águas escuras do arroio Aizome⁷, e, então, subia a colina do parque Ueno. Em seguida, descia para a avenida, onde havia vários restaurantes, inclusive o de carne de ganso selvagem, passando pelo Naka-cho, uma rua estreita e de muita animação, atravessava o recinto do santuário xintoísta Yushima e retornava a Kami-jô, dobrando a esquina do sombrio templo Karatachi. Às vezes, dobrava à direita em Naka-cho e vinha pela ladeira de Muenzaka. Este era um dos percursos. Outras vezes, passava por dentro da Universidade e saía pelo Portal Vermelho⁸. Como o portão de ferro do campus fechasse cedo, ele utilizava uma outra passagem, o portão chamado Nagaya-mon, que servia aos pacientes do hospital universitário. Mais tarde, esse Nagaya-mon foi derrubado e em seu lugar foi construído o atual portão preto, que fica no final da rua Haruki-cho. Indo através do Portal Vermelho, ele seguia pela avenida Hongo, passando em frente a uma casa de doces, na qual pessoas paravam curiosas para ver alguns homens moendo sorgo, e continuava seu passeio entrando no recinto do santuário Kanda. Descia para a ponte Megane⁹, que era novidade naquela época, e caminhava por um curto trecho de Yanagiwara onde se estende uma rua com casas ao longo do rio. Em seu caminho de volta, percorria Onarimichi e atravessava por uma das estreitas ruas laterais do lado oeste, chegando também ao templo Karatachi. Esta era uma rota alternativa. Dificilmente fazia qualquer outro percurso.

Nesses passeios, Okada não fazia nada de especial além de folhear livros em sebos aqui e ali. Mesmo hoje em dia, restam duas ou três dessas lojas na avenida Hirokoji e em Naka-cho. Em Onarimichi, as mesmas lojas permanecem com poucas modificações desde aquele tempo. As de Yanagiwara desapareceram todas. Entretanto, quase todas da avenida Hongo mudaram de endereço e de dono. Nesses passeios, raras vezes Okada dobrava à direita depois de passar pelo Portal Vermelho, porque a maioria das ruas desse lado era demasiado estreita, tornando o trajeto incômodo, além de haver apenas um sebo neste caminho.

Okada fazia esse tipo de parada porque, usando um termo atualmente em voga, ele tinha gosto literário. Contudo, nessa época, as novelas e peças modernas ainda não haviam sido publicadas; em poesia,

⁷ Aizome: literalmente “tintura de azul-índigo”. Nas margens desse arroio se desenvolvia essa atividade.

⁸ Portal vermelho: O portão principal da Universidade Imperial de Tóquio era chamado por este nome por estar pintado de carmim. Ôgai estudou nesta Universidade.

⁹ Megane: óculos. A ponte era chamada assim devido ao vão em arcada dupla.

nem o haikai de Shiki¹⁰, nem o waka de Tekkan¹¹. Então, todos liam revistas como a Kagetsu Shinshi, impressa em papel pardo e áspero ou Keirin Isshi, em branco, que publicavam poesias. Como eu também fui um leitor aficcionado, lembro-me bem dessas revistas. Foi uma daquelas revistas que começou a publicar a tradução de obras européias. Lembro-me de uma história que falava de um universitário de um país europeu que, no caminho de retorno a sua terra natal, era assassinado. Creio que foi Kôhei Kanda quem traduziu em língua japonesa moderna. Acho que foi meu primeiro contato com a literatura ocidental. Assim era a tendência da época, por isso, o interesse literário de Okada, também, não ia além de se divertir com as criações em poemas de estilo chinês que relatavam acontecimentos da nova época.

Eu não era muito sociável mesmo naquela época e não costumava conversar com os outros estudantes da Universidade sem ter uma boa razão. Mesmo para os hóspedes da pensão, eu raras vezes tirava o boné para cumprimentá-los. Mas tornei-me amigo de Okada por causa dos sebos. Nos meus passeios, não tinha uma rota certa como ele, mas tinha pernas fortes o suficiente para explorar os bairros Hongo até Shitaya e Kanda, parando em cada sebo que se achava no caminho. Nessas ocasiões, freqüentemente encontrava Okada. Não sei qual dos dois iniciou a conversa, mas lembro bem das primeiras palavras ditas com simpatia: “Sempre nos encontramos nos sebos!”

Nessa época, na esquina que ficava na descida da ladeira, em frente ao templo Kanda, havia uma loja de sebo que expunha livros sobre o balcão em forma de L. Um dia, achei um exemplar de *Kinpeibai*¹² e perguntei o preço ao dono, que me respondeu custar sete ienes. Eu disse que pagaria cinco, mas o dono me explicou: “Há pouco, o senhor Okada me ofereceu seis, mas eu recusei”. Casualmente, eu tinha dinheiro suficiente comigo e paguei o quanto pedia. Quando encontrei Okada, poucos dias depois, ele reclamou imediatamente:

— Você foi egoísta. Comprou *Kinpeibai* sabendo que eu o encontrei antes de você.

— O homem da livraria disse que você pechinhou, mas não chegaram a um acordo sobre o preço. Se você o quer, eu abro mão.

¹⁰ Masaoka Shiki (1867-1902). Haikaísta, tankaísta e crítico literário. Foi responsável pela modernização de poemas do gênero haikai e waka, conhecido também como tanka. Defendeu Naturalismo.

¹¹ Yosano Tekkan (1873-1935). Tankaísta. Foi líder do movimento de renovação do waka, mas sua tendência é romântica.

¹² Kinpeibai: epopéia chinesa da Dinastia Ming.

— Não tem importância. Já que somos vizinhos, empreste-me depois de lê-lo.

Concordei com prazer. Assim, Okada e eu, que até então nem tínhamos tomado conhecimento do fato de morarmos em quartos contíguos, começamos a nos visitar com frequência.

CAPÍTULO II

Desde aquela época, já havia a mansão da família Iwasaki no lado sul da ladeira Muenzaka, mas ainda não possuía seus imponentes muros de argila. O que havia eram muros de pedra feios e podiam se ver as samambaias e cavalinhas crescendo entre as pedras cobertas de musgo. Mesmo agora, não sei se o terreno além dos muros é plano ou elevado em colinas, porque nunca estive lá dentro. De qualquer modo, havia grande quantidade de árvores de espécies diversificadas que cresciam fartas e selvagens e da rua podíamos ver até suas raízes, deixando perceber que o capim em torno delas crescia abundantemente e era raramente cortado.

No lado norte da ladeira, havia casas simples construídas lado a lado e dentre elas a mais bonita e apresentável era uma cercada de muros de tábuas que fora uma casa de comércio, enquanto que as outras eram habitadas por artesãos. De comércio, havia apenas lojas de utensílios domésticos e tabacaria. Entre as casas, a que mais chamava a atenção dos passantes era a de uma professora de corte e costura, de onde, durante o dia, eram vistas, através das janelas gradeadas de madeira, muitas moças com seus trabalhos. Nos dias agradáveis, as janelas ficavam abertas e quando nós, estudantes, passávamos, as moças que tagarelavam animadamente erguiam seus rostos para espiar. Em seguida, continuavam a rir e a tagarelar. Ao lado desta, havia uma residência cuja porta gradeada de madeira estava sempre bem lustrada e o piso da entrada era incrustado de granito, e nas vezes em que eu passava ao entardecer encontrava o chão sempre com água espargida. No tempo frio, as portas de *shôji*¹³ permaneciam fechadas. No calor, as cortinas de bambu ficavam abaixadas. Por causa da animação da casa da costureira, essa casa sempre parecia se recolher em quietude.

Aproximadamente no mês de setembro do ano desta história, Okada, pouco após retornar de sua casa no interior, saiu para sua usual caminhada após o jantar e, passando por perto da sala de anatomia instalada provisoriamente no velho prédio do palácio do clã Kanazawa, quando

¹³ Shoji: portas ou janelas de correr nas habitações japonesas que utilizam papel branco no lugar de vidro.

descia pela ladeira Muenzaka encontrou, ao acaso, uma mulher retornando da casa de banho público e a viu entrar na casa solitária, vizinha à da professora de costura. Como o clima estivesse quase outonal, as pessoas não saíam à rua para se aliviar do calor, e quando Okada se aproximou a Muenzaka estava vazia. Foi nesse momento que a mulher se dirigiu à entrada daquela casa silenciosa e estava para abrir a porta mas ouviu o ruído dos tamancos de Okada, o que a fez deter o gesto e voltar seu rosto.

Ela e Okada se entreolharam.

A mulher vestia um quimono de verão sem forro de crepe azul-índigo e usava uma faixa dupla de cetim preto e marrom. Com a fina mão esquerda carregando languidamente um cesto de bambu finamente trançado — contendo pequena toalha, saboneteira, saquinho de farelo para limpeza de pele e esponja —, e a mão direita na porta, ela virara-se para ele, mas não causou em Okada nenhuma impressão especial. Ele apenas notou o cabelo recém-penteado no estilo de folha de ginkgo¹⁴, as mechas laterais tão finas quanto as asas de uma cigarra, e viu o perfil de seu nariz reto no rosto oval com algo de solitário, sua testa e as maçãs do rosto dando a impressão de estarem um tanto achatadas. Essas foram apenas impressões momentâneas, ele já a esquecera completamente antes mesmo de chegar ao fim da ladeira.

Porém, dois dias mais tarde, foi novamente para os lados de Muenzaka e quando se aproximou da casa com a porta de correr gradeada, subitamente se lembrou da mulher que retornava do banho e lançou um olhar para sua casa. Havia uma janela de peitoril com seus canos de bambu verticalmente posicionados e duas barras finas de madeira horizontalmente presas com tiras de cipó. A *shôji* da janela estava aberta cerca de um pé e mostrava um vaso de rhodea japonesa, ornamentado com cascas de ovos ao redor. Como observava com alguma atenção estes detalhes, diminuiu os passos e levou alguns segundos até alcançar a casa.

No exato momento em que chegou na frente da casa, inesperadamente, surgiu um rosto branco sobre o vaso de rhodea, no cenário que até então estava mergulhado em escuridão acinzentada. E, mais ainda, esse rosto sorria para ele.

Daí em diante, não havia ocasião em que passasse sem ver o rosto da mulher. Às vezes, ela invadia sua imaginação e, gradualmente, sua imagem foi tomando conta de sua mente. Surgiu nele a dúvida se ela esperava que ele passasse ou simplesmente olhava para fora distraída e se

¹⁴ Ichôgaeshi: um dos penteados tradicionais de mulher que surgiram na Era Edo e continuaram sendo usados até por volta de 1920.

defrontava com ele por acaso. Daí, relembrava os dias anteriores ao que vira a mulher voltando do banho, tentando descobrir se ela estava na janela olhando para fora da casa ou não, mas tudo o que podia lembrar era que a casa vizinha à da professora de corte e costura estava sempre limpa e parecia solitária. Certamente, ele já imaginara que tipo de pessoa estaria vivendo ali, mas nem isto estava bem certo. Parecia que as *shôjis* estavam sempre fechadas, assim como as cortinas de bambu e por trás a casa cerrada em silêncio. Finalmente, ele concluiu que talvez a mulher abrisse a janela e esperasse sua passagem.

Cada vez que passava, eles se olhavam e entre um encontro e outro ia pensando nestes detalhes; Okada gradualmente foi se afeiçoando à “mulher da janela”. Decorridas duas semanas, em um anoitecer, ele tirou o boné em um reflexo natural e a cumprimentou ao passar pela casa. No mesmo instante o rosto da mulher se tingiu de vermelho e seu sorriso triste se tornou radiante. Desde então, ao passar, Okada sempre saudava a mulher da janela.

CAPÍTULO IV¹⁵

Eu soube da identidade da mulher da janela muito mais tarde, quando os acontecimentos desta história, que tem Okada como protagonista, já pertenciam ao passado, mas é conveniente contar agora de forma resumida.

A narrativa volta aos dias em que a faculdade de Medicina estava localizada em Shitaya. O velho quartel-general do Lorde Todo fora transformado em um dormitório de estudantes, cujas janelas de barras verticais de madeira, grossas como o braço de um homem, estavam dispostas a grandes intervalos no paredão em que umas telhas cinzas foram cimentadas formando um xadrez. Assim dizendo, embora eu lamente fazer esta comparação, os estudantes viviam como animais lá dentro. Claro que não se pode ver janelas como aquelas hoje em dia, exceto nas torres de observação do Palácio Imperial, e mesmo as barras das gaiolas dos leões e tigres no zoológico de Ueno são mais frágeis do que aquelas.

O dormitório tinha criados que os estudantes podiam usar para pequenas tarefas. Estudantes trajando *hakama*¹⁶ e faixas de algodão branco na cintura costumavam enviá-los para comprar alguma coisa barata para

¹⁵ O breve Capítulo III descreve os gostos literários de Okada, sua fantasia sobre o tipo da mulher ideal: tal como uma beldade trágica que aparece numa epopéia chinesa.

¹⁶ Hakama: calças largas e pregueadas, usadas sobre o quimono, principalmente por homens.

comer, como *yokan* e *konpeitô*¹⁷. Na realidade, *yokan* era batata doce assada e *konpeitô* era ervilha torrada, detalhes esses que vale a pena registrar para servir de referência.

Um destes criados se chamava Suezo. Os outros homens eram muito barbudos e no meio da barba se viam as bocarras sempre abertas, mas ele se mantinha sempre bem escanhado e na marca azulada da barba só se via seus lábios finamente apertados, em linha reta. Os outros vestiam roupas sujas de algodão cru, enquanto Suezo estava sempre asseado e, algumas vezes, comparecia ao trabalho trajando seda e um avental.

Não sei quem me contou que Suezo emprestava dinheiro para estudantes que precisassem. Claro que era apenas cinquenta sens ou um iene por vez. Mas, o valor gradualmente cresceu para cinco, para dez ienes. Suezo fazia o devedor assinar uma nota promissória e se não pagasse até o final do prazo estabelecido, tal promissória era renovada. Acabou se tornando um agiota de verdade. Não tenho a mínima idéia de onde ele conseguira seu capital. Certamente não era a economia obtida com os dois sens pagos pelos estudantes pelos pequenos serviços, mas é verdade que nada é impossível para um homem que concentra toda sua energia no que pretende realizar.

De qualquer forma, quando a faculdade de Medicina se mudou de Shitaya para Hongo, Suezo não era mais um criado. Porém, a casa para a qual ele havia se mudado em Ike-no-Hata¹⁸ era continuamente visitada por um número considerável de estudantes insensatos.

Quando ele começou a trabalhar para a universidade, já passava dos trinta anos, e, apesar de pobre, tinha esposa e filhos. Contudo, desde que conseguiu uma pequena fortuna através da agiotagem e mudou para a nova casa, começou a se sentir insatisfeito com a esposa, que era feia e briguenta.

Nessa época, lembrou-se de uma certa mulher que vira algumas vezes no caminho para a Universidade ao sair de sua casa dos fundos de Neribei-cho e passando pela ruela apertada. Havia uma casa em semipenumbra, na qual as tábuas da tampa que cobriam o valão na entrada estavam parcialmente quebradas e a porta de correr entreaberta o ano todo. À noite, quando ele passava pelo local, tinha que seguir obliquamente por causa de uma carroça estacionada sob o beiral do telhado, ocupando a rua já estreita. O que primeiro atraiu a atenção de Suezo para a casa foi o som

¹⁷ Yokan: doce semelhante à goiabada, feito de massa de feijão azuki; konpeitô: balinhas coloridas em forma estrelada.

¹⁸ Ike-no-Hata: literalmente significa “beira do lago”.

de exercícios de *shamisen*¹⁹ lá dentro. Então, descobriu que quem tocava o instrumento era uma adorável garota de quinze ou dezesseis anos. Ela estava sempre bem asseada e o quimono elegante que vestia, embora simples, destoava da aparência pobre da casa. Se ela estivesse na porta, assim que visse um transeunte se aproximar, voltava para o escuro interior. Suezo, com sua natureza perspicaz, embora sem investigar particularmente o assunto, descobriu que o nome da garota era Tama, que sua mãe havia morrido e que vivia com seu pai, que vendia doces artesanais em sua carroça no bairro de Akihabara. Então, um dia ocorreu uma reviravolta na vida pacata dos habitantes dessa casa. Passando ali uma noite, Suezo notou que a carroça havia sumido de seu lugar sob o telhado. E a casa e seus arredores, sempre recolhidos, foram atacados pelo que os modernos chamam de “civilização” por novas tábuas que substituíram a tampa de valão quebrada e uma nova porta de madeiramento xadrez. Uma vez, Suezo percebeu um par de sapatos masculinos na entrada. Pouco depois, uma nova plaqueta com o nome de um policial “fulano de tal” foi colocada no lugar da antiga²⁰. Suezo teve conhecimento, sem necessidade de investigar, enquanto fazia suas compras nas redondezas, que o velho vendedor de doces possuía agora um genro. Era o tal policial que tinha seu nome na plaqueta. Para o velho homem, cuja filha era a menina de seus olhos, a perda de Otama²¹ para o policial de cara pouco simpática foi tão terrível quanto se ela tivesse sido raptada por um ogro e temia o desconforto causado pela intrusão desse genro e, quando recebeu a proposta, tinha se aconselhado com muitos confidentes, mas nenhum lhe sugeriu que o recusasse. Um deles dizia: “Eu lhe disse, não disse? Quando eu quis arrumar um bom partido você foi melindroso, dizendo que não poderia dividir com ninguém sua única filha. Agora apareceu um genro para o qual você não pode dizer não”. Um outro ainda deixou o velho meio assustado, dizendo: “Se não quer aceitar o homem, a única solução é mudar para longe, mas já que ele é policial, ele o encontrará e fará novamente sua proposta. Não há como escapar”. Uma dona casada, que tinha a reputação de ser uma pessoa experiente, teria dito: “Eu não lhe avisei para entregá-la a uma casa de gueixas, já que ela é bonitinha e a professora de *shamisen* elogiou sua habilidade? É óbvio que um policial solteiro pode ir de porta em porta e quando encontra uma carinha bonita ele a toma quer queira ou

¹⁹ Shamisen: instrumento musical japonês de três cordas sobre uma caixa quadrada e de longo braço: é tanguado por um plectro de marfim.

²⁰ Na residência japonesa coloca-se junto à entrada uma plaqueta com o nome do morador.

²¹ Era costume a colocação do prefixo “o” em nomes de mulher em sinal de carinho ou intimidade.

não, e você não pode fazer nada a não ser aceitar sua má sorte — já que ela o cativou, mesmo sem querer”. Cerca de três meses depois de Suezou ouvir estes rumores, ele notou numa manhã que a porta da casa do velho vendedor de doces artesanais estava lacrada e que um anúncio colocava a casa para alugar. Então, perguntando aos vizinhos, enquanto fazia as compras costumeiras, Suezou soube que o policial tinha mulher e uma filha em sua terra natal, as quais apareceram de surpresa, ocasionando uma grande confusão. Otama saiu correndo de casa dizendo que se jogaria no poço para se matar, mas uma vizinha que bisbilhotava ouviu a briga e conseguiu impedir a garota de cometer essa loucura. Quando o policial ia se tornar seu genro, o velho consultou a opinião de vários amigos, mas nenhum deles tinha conhecimento suficiente sobre assuntos legais, por isso o velho não se preocupou em verificar a situação de registro civil do homem nem procurou saber como havia sido registrado o casamento da filha. Quando o policial lhe disse, torcendo o bigode, que tomaria todas as providências, não teve nenhuma suspeita. Na época, havia uma garota que trabalhava num armazém de Kitazumi, de tez clara e rosto arredondado com o queixo excepcionalmente curto e os estudantes a chamavam de “sem-queixo”. Ela disse a Suezou: “Eu realmente sinto por Taa-tchan — ela era honesta e não duvidou do policial, mas a intenção dele era apenas procurar um lugar para viver”. E o dono do armazém, de cabeça raspada como um bonzo, interrompeu: “É lastimável pelo velho também. Ele se mudou porque se sentia tão envergonhado que não podia suportar ter de encarar os vizinhos. Mas ainda vende doces no mesmo lugar, dizendo que não pode trabalhar onde não tenha crianças. Há pouco tempo ele tinha vendido sua carroça, que foi colocada para revenda numa loja de objetos usados, mas ele explicou a situação e a comprou de volta. Eu penso que esteja com sérios problemas financeiros, por causa da mudança e tudo o mais. É como se por algum tempo aquele homem vivesse num sonho de tranqüila aposentadoria, quando o policial agindo como um grande senhor bebia saquê e o obrigava a fazer companhia — ele que nem bebia tanto assim — enquanto sua esposa e a filha passavam fome no interior”, falou passando a mão sobre a cabeça. Depois disso, a filha do vendedor de doces tinha sumido da mente de Suezou, mas, quando ele se estabilizou financeiramente e pode permitir-se certa liberdade, lembrou-se dela.

Agora, com um vasto círculo de relações para fazer sua proposta, Suezou procurou pelo velho vendedor de doces e finalmente encontrou seu paradeiro quadras próximo a uma garagem de riquixá, atrás do Teatro Ryuseiza. Otama continuava solteira. Então, Suezou apresentou, através de

uma intermediária, a oferta de um próspero comerciante disposto a tomá-la por concubina. A despeito das objeções iniciais de Otama, que não queria se tornar concubina, sua natureza dócil a fez aceitar devido às vantagens que seu pai teria com o arranjo, e as negociações prosseguiram até o ponto em que as partes concordaram em se encontrar no restaurante chamado Matsugen.

CAPÍTULO VII²²

(...)

Apoiado na coluna de *tokonoma*²³, Suezo observava a fumaça do cigarro.

Então ele ouviu os passos de duas ou três pessoas no corredor. “Seus convidados”, anunciou a empregada, mostrando a face entre os *shôjis*. “Venham! Entrem! Não façam cerimônia! O senhor é um tipo bem acessível”, dizia a velha que serviu de intermediária com uma voz esgançada que lembrava o canto de uma espécie de grilo.

Suezo levantou-se e saiu apressadamente para o corredor. Ele viu a figura hesitante do velho parado na esquina do corredor e, atrás dele, Otama. Sem parecer intimidada, ela observava tudo com curiosidade. Aquela imagem do rosto arredondado da garota se transformara em um belo rosto ovalado. O tempo a havia modificado. Seu corpo estava mais esbelto, ela era uma beldade esguia e graciosa. Usava um penteado apropriado para uma mulher adulta, mas sem a maquiagem costumeira para estas ocasiões. Suezo havia se preparado para apreciar sua beleza, mas não esperava que ela pudesse ser assim tão bonita. Estava além do que ele esperava. Examinou-a com avidez e ficou inteiramente satisfeito. Otama também estava surpresa. Havia decidido a vender-se para salvar o pai da miséria, independente de quem fosse o comprador. Tinha se preparado para não se importar com a aparência do comerciante, como quer que ele fosse. Mas, vendo as feições morenas de Suezo, os olhos agudos, mas cativantes e seu traje discreto e elegante, ela se sentiu momentaneamente aliviada, como alguém que escapa de uma situação irremediável.

“Por favor”, disse Suezo polidamente ao velho, “entre”, apontando para o interior da sala e dirigindo-se a ela em seguida: “Venha”. Depois que

²² Os capítulos V e VI narram os cuidados e esperteza de Suezo na busca de uma casa para instalar Otama e nas negociações para torná-la concubina, revelando um homem mesquinho e egocêntrico, mas fingindo ser um próspero comerciante e até permitindo certa extravagância; e finalmente a apresentação das partes interessadas, que acontece na sala reservada de um restaurante.

²³ Tokonoma: um nicho junto à parede da sala em estilo tradicional onde se colocam obras de arte ou arranjos florais.

os dois entraram na sala, Suezio chamou a intermediária para um canto do corredor, colocou em sua mão uma quantia em dinheiro embrulhada em papel e lhe sussurrou alguma coisa. A mulher sorriu, exibindo seus dentes manchados com traços de *ohaguro*²⁴ e curvando-se muitas vezes para demonstrar seu apreço, afastou-se com passos rápidos pelo corredor, rindo numa expressão mista de respeito e deboche.

Quando Suezio retornou, encontrou seus convidados comprimidos junto à entrada e, gentilmente, ofereceu-lhes lugar para sentar e fez os pedidos para a empregada que aguardava. Logo foram trazidos saquê e alguns aperitivos. Suezio serviu saquê ao velho e trocou algumas palavras com ele, que demonstrou ter tido dias melhores e que não era como as pessoas que entram pela primeira vez em um lugar de luxo.

No começo, Suezio estava aborrecido com a presença do velho, mas aos poucos o seu sentimento foi se atenuando e, inesperadamente, começaram a falar de assuntos que tocavam o fundo do coração. Procurando ser amável para mostrar o que de melhor havia nele, sentiu, no seu íntimo, que estava feliz por ter uma oportunidade de ganhar a confiança de Otama.

Quando os pratos chegaram, o ambiente da sala já parecia um jantar em família que, depois de um passeio, tivesse ido ao restaurante. Suezio, que em casa era um tirano, com sua esposa alternadamente revoltando-se e sendo subjugada, experimentou pela primeira vez um sentimento delicado e discreto prazer vendo Otama, que depois que a empregada se retirou, tomou do pote de saquê e o serviu com a face corando de vergonha e revelando um modesto sorriso. Suezio sentiu intuitivamente uma imagem de felicidade que flutuava como um fantasma na presença de Otama, porém não tinha sensibilidade suficiente para refletir sobre as razões que explicassem porque sua vida doméstica era totalmente desprovida dessa felicidade, nem considerar quanto seria necessário para sustentar este sentimento raro. Nem foi capaz de avaliar se era possível ou quanto custaria para manter essa felicidade com sua esposa e se isso o satisfaria.

(...)

(Gan: 1911)

²⁴ Ohaguro: tintura de dentes com o pigmento do ferro oxidado. Era uma prática comum entre as mulheres casadas, que se perdeu com a modernização.

Kessa e Moritô

Akutagawa Ryunosuke

Tradução: Ricardo da Silva Machado¹

e Meiko Shimon

PARTE PRIMEIRA

É noite. No lado de fora do muro de argila, Moritô contempla a lua com seu brilho branco. Está perdido em seus pensamentos, caminhando sobre as folhas secas espalhadas no chão.

Monólogo de Moritô

“Lá está a lua. Eu costumava esperar por ela, mas agora sua claridade me enche de horror. Não consigo parar de tremer, quando penso que tudo o que fui até hoje desaparecerá antes do término desta noite e me tornarei um assassino. Imaginem estas mãos tingidas de vermelho, de sangue! Quão amaldiçoado parecerei para mim mesmo, então! Se eu tivesse que matar um inimigo odiado, a minha consciência não me atormentaria desta maneira, no entanto, esta noite devo matar um homem por quem eu não tenho ódio algum.

Eu o conheço de vista há muito tempo. Embora seu nome, Wataru Saemon-no-Jo, que só soube devido a este acontecimento, não consigo lembrar quanto tempo faz desde a primeira vez que vi aquele rosto branco, delicado demais para um homem. É verdade que senti ciúmes quando descobri que ele era o marido de Kessa. Mas meu ciúme já desapareceu completamente sem deixar qualquer cicatriz em meu coração. Por isso, mesmo sendo um rival no amor não tenho qualquer ódio ou ressentimento dele. Pelo contrário, posso até afirmar que alimento um sentimento de compaixão por aquele homem. Quando Koromogawa me contou o quanto Wataru teve que empenhar toda sua capacidade para conquistar Kessa, cheguei a sentir carinho por Wataru. Contou-me que ele chegou a tomar lições de poesia, acreditando que isso o ajudasse a conquistá-la e desposá-la. Ao pensar nos poemas de amor feitos por aquele sério e circunspecto samurai, eu me surpreendo ao perceber o sorriso pintar nos meus lábios.

¹ Acadêmico em Japonês-Português do Instituto de Letras – UFRGS.

Mas não é um sorriso desdenhoso. Parece tocante tamanha paixão que chegou a tais medidas para agradá-la. Talvez essa sua dedicação para uma mulher a quem eu amo dê a mim, o amante, certa satisfação.

Mas amo realmente Kessa, a ponto de poder afirmar? Nosso caso de amor teve duas fases: passado e presente. Eu já estava apaixonado antes de ela ter casado com Wataru. Pelo menos eu acreditava que a amava. Mas, reavaliando agora meus sentimentos, mesmo naquela época, continham algo de impuro. O que eu queria de Kessa? Quando eu ainda era virgem, certamente queria possuí-la. Mas se me permite exagerar, meu amor não era mais do que um sentimentalismo para tornar doce esse meu desejo. Assim como é verdade dizer que eu não a esqueci durante os três anos após termos nos distanciando; teria eu continuado apaixonado se já tivesse tocado no seu corpo? Admito que não tenho coragem de dizer que sim. Meu apego por Kessa, nesses três anos, foi sustentado, principalmente, pelo fato de nunca ter conhecido o seu corpo. Então, passei remoendo minha insatisfação até que finalmente me encontro nesta situação que tanto temia, mas que esperava. Mas, e agora? Pergunto-me mais uma vez. Sinceramente, eu amo Kessa?

No entanto, antes de responder a esta pergunta devo recordar, mesmo a contragosto, tudo o que houve. – Desde quando eu a reencontrei três anos mais tarde, na inauguração da ponte de Watanabe, passei cerca de seis meses tentando fazer de tudo o que pude para ter uma oportunidade de encontrá-la secretamente. E tive êxito. Não foi só isso, foi então que, tal qual havia sonhado, eu conheci o corpo de Kessa. Mas o que me dominava até então não necessariamente era aquele pesar que falei antes por não ter tocado no corpo dela. Ao sentar nos tatames ao lado de Kessa, num aposento na casa de Koromogawa, já havia percebido que, sem saber quando, meu apego por ela havia se atenuado. Não há dúvida de que meu desejo tenha enfraquecido por ter deixado de ser virgem. Mas a principal razão era que sua beleza já estava em declínio. Realmente, a mulher que estava diante de mim não era aquela Kessa de três anos atrás. Sua pele perdera inteiramente o brilho; ao redor dos olhos estava sombreado de olheiras; a maciez de suas bochechas e de seus queixos outrora fartos havia desaparecido como um passe de mágica; a única coisa que não havia mudado seria talvez aqueles negros e expressivos olhos com sua vitalidade. – A mudança operada nela teve um efeito devastador sobre meu desejo. Após três anos, quando finalmente me vi face a face com ela, lembro-me claramente que fiquei tão chocado que tive que desviar o meu olhar...

Então por que eu mantive relações com uma mulher tão pouco atraente, quando já não sentia aquele desejo intenso? Em primeiro lugar, senti uma inusitada necessidade de conquistá-la. Lá estava Kessa, sentada face a face comigo e falava deliberadamente exagerando o quanto amava seu marido, Waratu. Porém, para mim, só despertava vaga suspeita de que eram palavras vazias. “Ela tem orgulho de seu marido”, pensei. “Ou seja, talvez esta é sua maneira de mostrar que não pode ser comprada pela piedade”, pensei também. A cada momento, a minha ansiedade para desmascarar as suas mentiras se tornava mais forte. Contudo, se alguém me perguntasse por que achava que ela mentia e se me acusasse de que o próprio fato de eu achar que ela mentia era um sinal da minha vaidade eu não teria motivos suficientes para me defender. Todavia, acreditava firmemente que estava mentindo. E ainda acredito nisso.

Mas não foi unicamente o desejo de conquistá-la que me dominava. Além disso – só em pronunciar estas palavras eu fico ruborizado – além disso, fui guiado pelo puro desejo carnal. “E não pelo pesar de nunca ter tocado no corpo dela.” Foi algo muito mais vil, simples desejo por desejo que poderia ter sido satisfeito por qualquer mulher. Certamente, um homem que compra uma prostituta não teria sido tão vulgar como fui naquela ocasião.

De qualquer modo, impelido por todos estes motivos, finalmente, mantive relação com Kessa. Ou melhor, desonrei-a. E agora, retomando minha primeira pergunta – não, não há necessidade de voltar a me indagar se eu amo aquela mulher. Pelo contrário, há vezes em que chego a sentir ódio dela. Especialmente, quando tudo havia terminado e ela debulhava-se em lágrimas e quando a puxei até mim ela me pareceu mais despudorada do que eu que sou um homem impudente. Cabelos emaranhados sobre a face, maquiagem manchada pelo suor, tudo revelava sua feiúra de corpo e mente. Se até então eu a amava, este foi o dia em que o amor desapareceu para sempre. Ou, se não a havia amado até então, não há impedimento ao afirmar que a partir daquele dia surgiu um novo ódio em meu coração. E pensar que esta noite, por causa de uma mulher que eu não amo, irei matar um homem que eu não odeio!

E, na verdade, não é culpa de mais ninguém. Fui eu quem anunciou com minha própria língua: “Mataremos Wataru!” – Quando penso de ter sussurrado estas palavras no ouvido dela, começo a duvidar de minha própria sanidade! Mas eu as sussurrei. Embora sabendo que não devia, lutando para não dizê-las, sussurrei entre os dentes apertados. Por que eu tanto quis dizê-las? Revendo isso agora, não consigo encontrar uma

explicação. Se eu me esforçasse a explicar, creio que quanto mais eu a desprezasse e odiasse, mais e mais sentia vontade de ofendê-la. O que poderia melhor corresponder a esse propósito do que dizer que devíamos matar Wataru Saemon-no-Jo, o marido do qual ela esnobava do seu amor – e forçá-la a consentir? Certamente por isso eu devo tê-la pressionado como um homem assaltado por um pesadelo a concordar com o assassinato, o qual eu não quero cometer. Se isto não é explicação suficiente, por que eu me propus a matar Wataru? Só há a explicação de que foi algum poder sobrenatural que eu desconheço (chamem-no um espírito maligno), que deve ter me atraído para o mau caminho. De qualquer modo, com insistência tenaz, sussurrei repetindo as mesmas palavras no ouvido de Kessa.

Então, depois de refletir por algum tempo, ela levantou subitamente o rosto e docilmente consentiu com meus planos. Mas não foi simplesmente a facilidade com que eu a persuadi que me surpreendeu. Analisando o seu rosto, notei que seus olhos irradiavam um brilho estranho nunca visto antes. Adúltera! Imediatamente me ocorreu esta idéia. Ao mesmo tempo, uma sensação de frustração me abriu os olhos para o horror de meu plano. Não é necessário dizer que o tempo todo eu me sentia perseguido por essa imagem lasciva e já decadente da mulher. Naquele momento, se me fosse possível, eu retiraria minha promessa. Queria jogar essa mulher traiçoeira nas profundezas da vergonha. Se pudesse fazê-lo, mesmo tendo satisfeito meus desejos com ela, minha consciência poderia se esconder por trás de uma indignação aparente. Mas, por mais que quisesse, eu não conseguia encontrar o ânimo para fazer isto. Como se soubesse exatamente o que eu pensava ela mudou sua expressão fitando nos meus olhos – Eu francamente confesso: a razão pela qual eu me achei prometendo que mataria Wataru e fixando o dia e a hora para fazê-lo foi devido ao medo de que, se eu voltasse para trás, Kessa teria sua vingança contra mim. Sim, e este medo ainda me prende com seus punhos implacáveis. Quem quiser zombar de minha covardia que zombe. Eles não viram Kessa nesse momento! “Se eu não matar Wataru, serei assassinado por ela, mesmo que ela não o faça com suas próprias mãos. Sendo assim, eu prefiro matá-lo.” – Pensei nisto desesperado ao observar os olhos daquela mulher que chorava sem lágrimas. E ademais, meu medo foi confirmado logo após, quando eu fiz juramento solene. Percebi que ela baixou os olhos e sorriu, mostrando a covinha de seu rosto pálido.

Agora, devido a esta amaldiçoada promessa, acrescentarei um assassinato a minha alma já aviltada por outros atos vis! Com a chegada

desta noite, e se eu descumprisse a promessa... mas eu não suportaria isto também. De um lado, está o meu juramento. De outro, eu disse que temo a vingança dela. E também não é mentira. Mas há algo mais... O quê? Qual é a força poderosa que impele um covarde como eu a matar um homem inocente? Eu não compreendo. Não compreendo, se bem que, talvez ... não, não poderia ser – Eu desprezo aquela mulher. Temo-a. Odeio-a. Contudo, talvez seja porque mesmo assim eu amo aquela mulher."

Moritô segue caminhando sem rumo e não volta a abrir sua boca. Luz do luar. Ouve-se, em algum lugar, uma voz cantando uma cantiga popular.

No coração humano não há luz,
É como a noite de escuridão.
A vida apenas arde e esvai,
Como as chamas de paixões terrenas.²

PARTE SEGUNDA

É noite. Kessa senta do lado de fora da cortina de sua alcova, de costas para a luz do candeeiro. Ela morde as mangas de seu quimono, perdida em pensamentos.

Monólogo de Kessa

"Ele virá ou não virá? Estou certa de que ele não deixará de vir, mas a lua já está em declínio e não há nenhum som de passos, então, pode ser que ele de repente tenha mudado de idéia. Se, por acaso, ele não vier – Oh, eu terei que erguer meu rosto acabrunhado como de uma prostituta para o sol novamente. Seria, então, como aqueles cadáveres largados à beira da estrada. Humilhada, pisoteada e, no fim disso tudo, despudoradamente exposta à luz e, mesmo assim, terei que suportar calada como uma pessoa muda. Se isso acontecesse, nem mesmo minha morte me daria paz. Não, não, ele virá com certeza. Quando fitei dentro daqueles olhos antes de nos despedirmos naquele dia eu sabia que ele viria. Ele tem medo de mim. Ele me odeia e me despreza, mesmo assim tem medo de mim. É claro que, se eu pudesse contar comigo mesma, eu não diria ter certeza de que ele viria. Mas eu confio nele. Confio no seu egoísmo. Sim, confio no medo

² Tradução do poema por Meiko Shimon.

desprezível despertado por seu egoísmo. Por isso, posso afirmar. Ele virá com certeza, caminhando furtivamente ...

Que coisa miserável eu me tornei, agora que não posso mais contar comigo mesma. Há três anos, eu tinha autoconfiança acima de tudo em minha beleza. Talvez fosse mais exato dizer em vez de “há três anos” que foi até aquele dia. O dia em que eu o encontrei no aposento da casa de minha tia: bastou um olhar de relance em seus olhos e eu vi toda a minha feiúra refletida no seu coração. Ele fingiu não ter percebido que eu tinha mudado e falou palavras gentis, como se realmente me desejasse. Mas, como podem consolar o coração de uma mulher tais palavras, uma vez que ela conhece sua feiúra? Eu sentia raiva de mim mesma. Apavorada. Infeliz. Mas esta angústia é muito pior do que aquela sensação horripilante que senti quando criança nos braços de minha ama, ao ver um eclipse lunar! Todas as minhas ilusões desapareceram. Depois, apenas a solidão me envolveu como um amanhecer cinzento e chuvoso – Estremecendo pela angústia da solidão por fim acabei entregando àquele homem este corpo que já parecia sem vida, um homem que nem ao menos amo, um homem lascivo que me odeia e me despreza! – Será por que eu não suportei a solidão, por ele ter me feito reconhecer a morte de minha beleza? Será por que eu estava tentando enganar-me naquele momento delirante em que enterrei meu rosto no seu amplexo? Se não era isto, será por que eu estava seduzida tanto quanto ele pela luxúria obscena? Só de pensar nisto sinto-me envergonhada. Que vergonha! Que vergonha! Ainda mais me senti uma mulher ordinária no momento em que tudo terminou e me desvencilhei dos braços dele, recuperando a liberdade do meu corpo.

Então, por mais que tentasse não chorar a solidão e a raiva fizeram as lágrimas transbordarem dos meus olhos. Contudo, não estava lamentando só porque havia perdido a castidade. O que mais me angustiava era que enquanto minha castidade era violada, eu era desprezada, como acontece com um cão sarnento que é odiado e nem por isso deixa de ser atormentado. O que eu fiz então, a partir daquele momento? Só tenho uma vaga e distante lembrança como se tudo pertencesse a um passado muito distante. Lembro-me que, enquanto soluçava, seu bigode roçou no meu ouvido e junto com seu hálito quente vieram suavemente sussurradas as palavras: “Mataremos Wataru!” Ao ouvir, senti uma sensação de vivacidade estranha como eu nunca havia conhecido até então. Vivacidade? Se a luz do luar pode ser chamada de brilhante, então poderia chamar aquela minha sensação de vivacidade. Mas essa era uma sensação muito diferente do brilho do luar. No entanto, certamente tais palavras medonhas

tinham me confortado. Ai! Eu, esse ser chamado mulher, mesmo que tenha que matar o próprio marido quer sentir-se feliz em ser amada por um homem?

Com a sensação de solidão e ao mesmo tempo de vivacidade semelhante à claridade de uma noite de luar continuei chorando. E então? E então? Quando teria eu, finalmente, prometido ajudá-lo a matar meu marido? Só então, quando fiz esta promessa que pela primeira vez pensei em meu marido. Sim, direi honestamente que foi pela primeira vez. Até esse momento, meu coração só se ocupava de mim, da desgraça de minha desonra. E então surgiu o pensamento em meu marido, meu gentil e tímido marido – não, não foi em meu marido. Foi a vívida imagem de seu rosto sorridente, quando ele me conta alguma coisa. Certamente foi naquele instante em que lembrei de seu rosto, que esse meu plano perpassou minha mente. Pois, naquele momento, já estava decidida a morrer. E fiquei feliz por ter tomado esta decisão. Contudo, parei de chorar e quando levantei o rosto e olhei em sua direção, ali, como antes, encontrei a minha feiúra refletida no seu coração; senti toda a minha felicidade extinguir-se. Foi porque – novamente penso na sombra escurecida daquele eclipse lunar que vi com minha ama. Foi porque como se todos os espíritos malignos que estavam escondidos atrás da minha felicidade fossem libertados de uma só vez. Morrer no lugar de meu marido significa que eu o amo? Não, isto não passava de um pretexto. Por trás desse pretexto muito conveniente, tinha a intenção de me redimir da culpa por ter me entregue àquele homem. Por não ter coragem de cometer suicídio! Por causa da preocupação mesquinha de como as pessoas irão pensar de mim! Mas quanto a isto, as pessoas que fechem os olhos. Sou ainda mais desprezível. Muito mais vil. Com o pretexto de me sacrificar por meu marido, na verdade o que eu queria era vingar-me contra o homem que me odiava, contra seu desdém e, mais ainda, sua luxúria pecaminosa que me abusou. Por sinal, ao observar seu rosto eu perdi essa estranha vivacidade causada pelo luar e fiquei apenas com essa tristeza que fez congelar meu coração. Sim, eu não morrerei por meu marido. Morrerei por mim mesma. Morrerei por causa da amargura por meus sentimentos feridos e de ressentimento de meu corpo maculado. Oh, sinto pesar por não ter satisfação em viver, como por não ter satisfação em morrer.

Contudo, é muito mais desejável morrer esta morte inútil do que continuar a viver! Então, esforcei-me por sorrir, contendo minha tristeza e prometi repetidas vezes ajudá-lo a matar meu marido. Ele é esperto o suficiente para adivinhar pelas minhas palavras o que viria a acontecer com

ele se, por acaso, viesse a descumprir sua promessa. Portanto, ele que fez o solene juramento não deixaria de vir, mesmo que sorrateiramente. – Será isto o ruído do vento? – Ao pensar que todos esses tormentos acabarão esta noite, não posso deixar de sentir um imenso alívio. Estou certa de que amanhã a fria luz da manhã cairá sobre o meu cadáver decapitado. Quando meu marido me vir – não, não quero pensar nele. Ele me ama. Porém, não tenho força para corresponder a este seu amor. Desde que era jovem, eu não era capaz de amar a não ser um único homem. E esta noite, este único homem vem para me matar. Até mesmo a luz deste candeeiro me é clara demais. A mim, que vivi atormentada por esse meu amante.”

Kessa sopra o candeeiro. Logo em seguida, ouve-se o ruído quase imperceptível do cortinado sendo aberto no meio da escuridão. No mesmo instante, um pálido raio de luar ilumina o aposento.

(Kesa to Moritô: 1920)

Tangerinas

Akutagawa Ryûnosuke
Tradução: Ernei Ribeiro¹
Revisão: Meiko Shimon

Era o anoitecer de um dia nublado de inverno. Sentado num canto do vagão de segunda classe de trem, que ia de Yokosuka para Tóquio, esperei distraidamente o apito de partida. Dentro do trem, há muito, as luzes estavam acesas e, no entanto, além de mim, não havia outros passageiros, o que era uma coisa rara. Olhando para fora, notei que na plataforma mal iluminada não havia ninguém se despedindo dos passageiros, o que era raridade também. Apenas um cachorrinho preso dentro da jaula latia tristemente de tempos em tempos. Tudo isso era um cenário muito apropriado para meu estado de espírito na ocasião. Pela minha cabeça ia um cansaço indescritível, como se um céu nublado anunciando a neve jogasse uma sombra sobre mim. Mantendo as mãos nos bolsos do casaco, não sentia nenhum ânimo para retirar daí o jornal vespertino para lê-lo.

Logo soou o apito de partida. Sentindo uma leve descontração, encostei a cabeça no caixilho da janela atrás de mim. Esperava distraidamente que a plataforma em frente aos meus olhos comesçasse a deslizar lentamente. Porém, neste ínterim, ouvi ruídos espalhafatosos de tamancos vindos dos lados da bilheteria e, logo, ao mesmo tempo em que eram ouvidas algumas injúrias em voz alta do assessor de vagões, a porta do vagão de segunda classe, onde me encontrava, foi aberta com ímpeto, entrando apressadamente uma menina de treze ou quatorze anos. Agora, balançando pesadamente, o trem partiu em marcha lenta. As colunas da plataforma, uma por uma, passando para trás no campo da minha visão; um caminhão-pipa que parecia ter sido esquecido; e ainda o carregador de bagagens agradecendo alguém pela gorjeta recebida... Tudo isso dentro da fuligem a soprar contra a janela foram se tombando para trás, relutantemente. Finalmente, me senti aliviado e, acendendo um cigarro, levantei as pálpebras sonolentas e lancei um olhar no rosto da menina no assento da frente, do outro lado do corredor.

¹ Acadêmico em Japonês-Português do Instituto de Letras – UFRGS.

Ela tinha um cabelo seco penteado na forma de *ichogaeshi*. As bochechas cheias de gretas e marcadas de sulcos horizontais eram tão afogueadas e coradas que me causavam mal estar. Certamente era uma menina do interior. Além do mais, usava um cachecol sujo de lã verde-claro dependurado sobre seus joelhos, onde havia um grande volume de *furoshiki*². Nas mãos cheias de frieiras que carregavam o embrulho, segurava com firmeza um bilhete vermelho de terceira classe. Eu não gostei das feições vulgares dessa menina. Além do mais, suas roupas imundas me causavam uma sensação desagradável. Por fim, sua estupidez que nem consegue distinguir entre segunda e terceira classe me era irritante. Acendi um cigarro e, querendo acima de tudo esquecer da existência dessa menina, abri sobre os joelhos o jornal que estava no bolso sem muito propósito de lê-lo. Foi nesse momento que a claridade exterior que incidia sobre o jornal, de repente, mudou para as luzes elétricas do trem. As letras mal impressas de algumas colunas, inesperadamente, ganharam nitidez diante de meus olhos. Evidentemente, o trem havia entrado no primeiro dos muitos túneis desta linha de Yokosuka-Tóquio.

Contudo, mesmo percorrendo os olhos sobre as páginas do jornal iluminadas por essas luzes, o mundo estava cheio demais de acontecimentos triviais para que pudesse consolar minha melancolia. A questão do tratado de paz, noivados, casos de corrupção, anúncios funerários... No instante em que o trem ingressou no túnel, tive uma impressão confusa de que o trem estava indo pelo sentido contrário, enquanto passava os olhos mecanicamente de uma reportagem desoladora para outra. É claro que, enquanto isso, eu mantinha consciência da presença daquela menina sentada na minha frente, cujo aspecto parecia personificar a vulgar realidade. Esse trem indo pelo túnel, essa menina provinciana e o jornal vespertino cheio de notícias triviais... não estaria tudo isso simbolizando algo? Não estaria simbolizando esta incompreensível, miserável e entediante vida humana? Achando tudo uma grande tolice, larguei o jornal e encostei a cabeça no caixilho da janela, fechei os olhos como se estivesse morto e comecei a cochilar.

Depois disso, passaram-se alguns minutos. De repente, senti-me surpreso com alguma coisa e olhei em volta. Notei que a tal menina, não sei quando isto aconteceu, levantou-se do assento do outro lado e veio para perto de mim, tentando abrir a janela. Mas, a pesada estrutura de vidro não se abria com tanta facilidade. Aquelas bochechas cheias de gretas

² Furoshiki: Pano quadrado próprio para enrolar e carregar objetos.

ficaram ainda mais vermelhas, o ruído do nariz fungando e a pequena respiração ofegante chegavam agitadamente aos meus ouvidos. Isso, sem dúvida, me deu um pouco de pena. Porém, era mais do que evidente pela aproximação das encostas da montanha, onde apenas o capim seco parecia iluminado no anoitecer, que o trem se aproximava da entrada do túnel novamente. Apesar disso, essa menina dá-se o trabalho de abrir a janela... eu não conseguia atinar a razão de seus atos. Só podia pensar que ela fazia isso simplesmente porque lhe deu na veneta. Por isso, enquanto mantinha no fundo do coração um sentimento sombrio eu olhava cruelmente àquelas mãos com frieiras fazendo um tremendo esforço, tentando abrir o vidro da janela como se rezasse para que ela jamais tivesse êxito. Então, ao mesmo tempo em que o trem entrava no túnel como uma avalanche com um estrondo ensurdecedor, a janela que a menina estava forçando desceu com ímpeto. Logo, desse buraco quadrado, entrou um ar escuro como se dissolvesse fuligem n'água e repentinamente se transformou em fumaças sufocantes, enchendo o interior do vagão. Eu, que sempre sofria com a garganta sensível, não tive nem tempo de cobrir o rosto com um lenço e, graças à fumaça que apanhei em cheio, comecei a tossir convulsivamente quase sem fôlego para respirar. Mas, a menina sem parecer se importar comigo esticou o pescoço para fora da janela com os cabelos das têmporas de seu *ichogaeshi* a tremular com o vento que soprava na escuridão e olhava fixamente na direção que o trem seguia. Enquanto contemplava essa sua imagem dentro da fumaça e da luz elétrica o lado de fora da janela já ganhava a claridade rapidamente. Se não tivesse vindo pela janela frio cheiro de terra, de capim seco e da água, eu, que mal me recuperava da tosse, teria repreendido rudemente essa menina estranha para que fechasse a janela.

Porém, nessas alturas, o trem já deixava o túnel sem dificuldade e alcançava entre os morros cobertos de capim seco uma passagem de nível que havia no pobre subúrbio de uma cidade. Perto da passagem, os miseráveis casebres com seus telhados e coberturas de palha estavam amontoados e apertados, e o guarda da passagem de nível balançava uma bandeira branca que languidamente sacudia as cores do anoitecer. Mal eu notei que o trem saiu do túnel... e no mesmo momento vi três meninos de bochechas coradas, enfileirando-se apertadinhos no outro lado da solitária cerca da passagem de nível. Todos esses meninos eram de baixa estatura como se estivessem pressionados e encolhidos sob o céu nublado. Usavam roupas que se assemelhavam com o aspecto medonho dessa zona suburbana. Ao verem o trem que ia passando, levantaram as mãos todos

juntos e, ao mesmo tempo, arqueando os frágeis pescoços começaram a gritar algo ininteligível com toda força. Foi neste instante, debruçando metade do corpo para fora da janela, que a menina estendeu rápida aquelas mãos com frieiras, balançando-as vigorosamente e, então, cinco ou seis tangerinas de cor quente, como alegres e entusiasmantes raios de sol, caíram do céu, espalhando-se sobre as crianças que vieram para se despedir do trem. Senti minha respiração paralisar momentaneamente. Num instante, compreendi tudo. A menina, esta menina que provavelmente estava indo trabalhar na casa de seu patrão, jogou da janela algumas tangerinas que guardara para retribuir ao carinho dos seus irmãozinhos que vieram até essa passagem para se despedir.

A passagem de nível na periferia da cidade, tingida por cores do anoitecer, as três crianças gritando como passarinhos e a cor intensa das tangerinas espalhando-se sobre elas... Tudo isso se passou de um momento para outro, no lado de fora da janela do trem. Mas, a cena ficou gravada com profunda emoção no fundo do meu coração. Tive, então, a consciência do ressurgimento de uma sensação de alegria indefinível. Levantei a cabeça triunfante e olhei a menina fixamente como se descobrisse uma outra pessoa. A menina já havia retornado para o assento na minha frente, escondendo as bochechas cheias de gretas no cachecol de lã verde-claro. Suas mãos que carregavam o grande volume de *furoshiki* seguravam firmemente a passagem de terceira classe...

Nesse momento, pela primeira vez eu pude esquecer um pouco aquele indescritível cansaço e aborrecimento e, ainda, a incompreensível, miserável e entediante vida humana.

(Mikan: 1919)

A estrela do falcão noturno

Miyazawa Kenji

Tradução: Tomoko Kimura Gaudioso¹

Revisão: Meiko Shimon

O falcão noturno era um pássaro realmente feio.

Seu rosto era manchado como se tivesse sido lambuzado de *missô*² e seu bico chato, rasgado até as orelhas.

As pernas eram tão fracas que mal conseguia caminhar dois metros em passos trôpegos.

Assim, outros pássaros chegavam a sentir náusea só de ver a cara do falcão noturno.

A cotovia também não é um pássaro bonito, por exemplo, mas se achava muito melhor do que o falcão noturno. Por isso, quando o encontrava ao entardecer, mostrava francamente sua antipatia, fechava os olhos enojada e virava a cara para o outro lado. Por sua vez, os pássaros menores e tagarelas faziam questão de falar mal do falcão noturno na cara dele.

— Hum! Apareceu de novo, né. Olhem só o jeito dele. Realmente, é uma desonra para nós, aves!

— Olhem o tamanho da boca! Deve ser parente de sapo ou algo parecido!

A conversa seguia assim. Ah! Se fosse um falcão de verdade, esses minúsculos pássaros só de ouvir o nome dele ficariam pálidos, trêmulos e se encolheriam, escondendo-se atrás das folhas. Porém, apesar de se chamar falcão noturno, não era irmão nem parente do falcão. Em vez disso, o falcão noturno era irmão mais velho do belo martim-pescador e do beija-flor, aquele que parece uma jóia entre os pássaros. O beija-flor alimentava-se do néctar das flores, o martim-pescador dos peixes, mas o falcão noturno comia insetos voadores. Além disso, o falcão noturno não possuía unhas afiadas nem bico agudo e, por isso, até os mais frágeis pássaros não tinham porque sentir medo dele.

¹ Professora Auxiliar do Setor de Japonês do Instituto de Letras – UFRGS.

² Missô: pasta de soja fermentada, basicamente para fazer caldo “misso-shiru”, muito popular na culinária japonesa. Tem uma cor marrom.

Pode parecer estranho, então, que esse pássaro tenha recebido o nome de falcão, mas isso se deve à força extraordinária de suas asas, pois quando ele voa cortando o vento se assemelhava ao falcão. Além disso, tinha um grito cortante que também lembrava de certa forma o do falcão. É claro que o falcão detestava esta comparação. Por isso, sempre que olhava a cara do falcão noturno, dizia-lhe, de modo petulante, que mudasse de nome o mais rápido possível.

Até que um dia, ao entardecer, o falcão bateu à porta da casa do falcão noturno.

— Ei, você está aí? Ainda não mudou de nome? Você é mesmo muito cara-de-pau. Eu e você pertencemos a classes muito diferentes. Eu, por exemplo, vôo pelo céu azul até o infinito. Você só aparece nos dias nublados ou à noite. E, além disso, olhe bem meu bico e minhas garras e compare com os seus!

— Senhor falcão, isso é demais, é impossível. Não fui eu quem escolheu meu nome. Deus foi quem me deu.

— Não mesmo. Se fosse meu nome poderia dizer que foi dado por Deus. Mas o seu foi emprestado de mim e da Noite. Devolva-o, já.

— Meu senhor, isso é impossível.

— Não é impossível, não! Vou lhe ensinar um nome adequado. Será Ichizô. Ichizô, ouviu? É um bom nome, não? Só que, para mudar de nome, deve fazer a apresentação dele. Viu? Isto quer dizer, você deve pendurar no pescoço uma placa com o nome “Ichizô” e visitar todos os outros pássaros, fazendo reverência e informando que a partir de agora você se chama Ichizô.

— Eu não posso fazer uma coisa dessas.

— Pode sim! Faça-o. Se não o fizer até o amanhecer de depois de amanhã, agarrarei você imediatamente e o esmagarei. Agarrarei e esmagarei você, ouviu? Depois de amanhã, bem cedo, passarei de casa em casa dos pássaros para saber se você os visitou. Se encontrar uma única casa que você não tenha ido, então, saiba que chegou a sua hora!

— Mas isso é totalmente impossível. Eu prefiro morrer em vez de fazer uma coisa dessas. Mata-me agora mesmo!

— Bem, reflita melhor depois. O nome Ichizô não é tão ruim assim.

O falcão abriu suas asas com toda envergadura e partiu em direção ao seu ninho.

O falcão noturno fechou os olhos e refletiu longamente.

“Por que será que os outros não gostam de mim? Talvez, porque meu rosto parece estar lambuzado de *missô* e tenho boca rasgada até as orelhas. Mesmo assim, até hoje, eu nunca fiz mal a ninguém. Quando encontrei o filhote de *mejiro* caído no chão eu o socorri e o levei até o ninho. Aí, os pais arrancaram o bebê de mim como se o arrebatesse das mãos de um ladrão. Depois, riram muito de mim. Agora, chamar-me de Ichizô e pendurar uma placa no pescoço, que coisa penosa!”

Já tinha escurecido. O falcão noturno levantou o vôo do seu ninho. As nuvens brilhavam maliciosamente e pendiam muito baixas. O falcão noturno quase alcançava as nuvens e, silenciosamente, dava voltas pelo céu.

Então, de repente, escancarou a boca e, estendendo as asas, atravessou o céu como uma flecha. Assim, muitos e muitos pequenos insetos voadores entraram pela sua garganta adentro.

Mal seu corpo tocou o solo, o falcão noturno voltou para o alto. As nuvens já tinham tomado uma cor cinzenta e a montanha lá adiante estava tingida de vermelhidão devido a um incêndio.

Quando o falcão noturno voava com toda vontade, parecia que o céu se partia ao meio. Um besouro entrou em sua goela e se debateu muito. Engoliu-o imediatamente, mas, no mesmo instante sem saber como, sentiu um calafrio nas costas.

As nuvens já estavam totalmente escuras e somente o lado leste refletia a vermelhidão do incêndio montanhês, criando uma imagem de terror.

Outro besouro entrou na garganta do falcão noturno. O besouro arranhou sua garganta, debatendo-se muito. O falcão noturno fez força e acabou por engoli-lo, mas nesse instante sentiu um baque no coração e começou a chorar em a voz alta. Chorando, deu voltas e voltas pelo céu.

“Oh! Besouros e muitos insetos voadores são mortos por mim todas as noites. E eu, que sou apenas um indivíduo, agora serei morto pelo falcão. E isso me dói tanto! Ah, que dor! Que dor! Eu deixarei de comer insetos e morrerei de fome. Não, antes disso, certamente o falcão me matará. Não, antes disso, irei para muito longe daqui, além daquele céu.”

O fogo da montanha incendiada havia se espalhado como se fossem correntes de água, e até as nuvens pareciam estar queimando.

O falcão noturno voou direto ao encontro de seu irmãozinho, o martim-pescador. O belo pássaro também estava acordado e olhava o incêndio da distante montanha. E vendo a chegada do falcão noturno, falou:

— Boa noite, mano! Aconteceu algo, de repente?

— Não. É que vou partir para muito longe. Por isso, quis ver-te antes de partir.

— Mano, não pode ir. O beija-flor também vive tão distante e, se você partir, ficarei sozinho.

— Pois é. Mas não tenho escolha. Não me diga nada, por hoje. E você também evite pegar os peixes a não ser que seja estritamente necessário. Bem, adeus.

— Mano, o que aconteceu com você? Espere um pouco, por favor!

— Não, nada vai mudar a minha decisão. Dê lembranças ao beija-flor por mim. Adeus. Não nos encontraremos mais. Adeus.

Chorando, o falcão noturno voltou para casa. A noite curta de verão já estava quase terminando.

As folhas de samambaia que respiravam as névoas da madrugada balançavam-se frias e esverdeadas. O falcão noturno soltou seu grito agudo: “kish, kish, kish, kish!” Depois, organizou seu ninho, limpou e arrumou as penas de todo o seu corpo, e levantou o vôo novamente.

As névoas se foram e o sol se levantou bem no leste. Suportando o ofuscamento nos olhos, que lhe provocava a tontura, o falcão noturno voou como flecha em sua direção.

— Senhor sol, senhor sol. Por favor, leve-me junto do senhor! Não me importo se morrer queimado. Mesmo que seja um corpo tão feio como o meu, quando queimar emitirá um pequeno raio. Por favor, leve-me junto!

Mas, por mais que ele voasse em sua direção o sol não se aproximava. Em vez disso, cada vez mais ia ficando menor e mais distante. Então o sol falou:

— Você é o falcão noturno. Pois, deve estar sofrendo muito. Voe esta noite e faça seu pedido às estrelas. Você não é pássaro do dia.

O falcão noturno pensou ter feito reverência ao sol, mas sentiu-se tonto de repente e foi caindo; acabou sobre a relva do campo. Sentia-se como se estivesse sonhando. Sentia que seu corpo continuava subindo entre as estrelas vermelhas e amarelas ou que estava sendo arrastado infinitamente pelo vento ou, ainda, que fosse agarrado e levado pelo falcão.

Repentinamente, algo frio caiu no seu rosto. O falcão noturno abriu os olhos. Era o orvalho que caíra da folha de um pé de eulária jovem. Já havia escurecido totalmente e o céu se tornara em tom azul escuro coberto de estrelas cintilantes. O falcão noturno voou para o céu. O fogo da montanha em incêndio continuava em vermelhidão. Ele deu voltas no meio do tênue brilho do fogo e da fria luminosidade das estrelas. E mais uma vez

deu uma volta completa. E, decidido, voou diretamente em direção à bela constelação de Órion, ao oeste, e gritou:

— Ó, estrela! A pálida estrela do oeste! Por favor, leve-me junto de si. Não me importo se morrer queimado!

Órion continuou cantando garbosamente a sua canção e não deu atenção nenhuma ao falcão noturno. Quase a chorar, ele caiu cambaleante e depois parou com dificuldade, retomando o vôo uma vez mais. Depois, voou direto para a constelação Cão Maior, ao sul, e gritou:

— Ó estrela! A estrela azul do sul! Por favor, leve-me junto de si. Não me importo se morrer queimado!

Cão Maior disse, piscando linda e agitadamente em azul, lilás e amarela:

— Não diz bobagens! Quem pensas que tu és? És apenas um pássaro. Para chegares até aqui com tuas asas levarás bilhões, trilhões, muitos ‘lhões’ de anos. E virou-se para o outro lado.

Decepcionado, o falcão noturno caiu cambaleante e depois tornou a voar, dando duas voltas. Depois, criou coragem e voou diretamente na direção da Ursa Maior, ao norte, e gritou:

— Ó estrela azul do norte, por favor, leve-me junto de si!

Ursa Maior respondeu serenamente:

— Não debes pensar no que é desnecessário. Vai esfriar um pouco a cabeça. Quando acontece isso o melhor remédio é mergulhar no mar com icebergs flutuando ou, se não tiveres mar por perto, é ótimo mergulhar num copo de água com gelo.

Decepcionado, o falcão noturno caiu cambaleante e depois, novamente, deu quatro voltas pelo céu. E mais uma vez gritou para a estrela da Águia, que acabava de subir no céu do leste, na outra margem da Via-Láctea:

— Ó estrela branca do leste, por favor, leve-me junto de si! Não me importo se morrer queimado!

Águia falou com um ar arrogante:

— Não, de jeito nenhum, nem dá para conversar. Para se tornar estrela é necessário ter certa posição social. Vai precisar de muito dinheiro também.

O falcão noturno sentiu-se completamente desanimado e fechou as asas, foi caindo em direção à terra. E quando faltava uns trinta centímetros e suas patas fracas iam tocar no solo, repentinamente, saltou para o céu como sinal de fumaça. Chegando a meia altura do céu, sacudiu seu corpo e empinou as penas como faz uma águia ao atacar um urso.

Depois, gritou “kish, kish, kish, kish, kish” com uma voz altíssima. Era idêntica à voz de falcão. Todos os pássaros que dormiam nos campos e bosques acordaram e, tremendo de medo, olharam desconfiados para o céu estrelado.

O falcão noturno levantou o vôo e foi subindo sempre e sempre em direção ao céu. Aquele fogo que queimava a montanha, agora, parecia apenas o fogo da ponta de cigarro. Ele foi subindo e subindo.

Com o frio, o ar que respirava congelou, branco, no seu peito. Devido ao ar que se tornava rarefeito, tinha que agitar as asas freneticamente.

Mesmo assim o tamanho das estrelas não crescia nem um pouco. A respiração era tão forte que produzia som como de um assoprador de fornalha. O frio e a geada traspassavam o falcão noturno como se fossem espadas. As asas ficaram completamente dormentes. Então, ele levantou o olhar mais uma vez com seus olhos rasos em lágrimas. Isso mesmo. Este foi o fim do falcão noturno. Ele já não sabia se estava caindo, subindo, se estava de cabeça para baixo ou para cima. Sua alma estava serena. O grande bico sangrava e estava um pouco torto, mas sem dúvida estava sorridente.

Depois de certo tempo, o falcão noturno abriu bem os olhos. Viu, então, seu corpo queimando silenciosamente, transformado em uma bela luz azular como a de chamas fosforescentes.

Logo ao lado, estava a Cassiopéia. A pálida luz da Via-Láctea estava logo atrás.

Assim, a estrela do Falcão Noturno continuava a queimar-se. Continuou a queimar sempre e sempre.

Até hoje, continua queimando.

(Yodaka no hoshi: 1921?)³

³ Como acontecem com muitas obras de Miyazawa Kenji, a data precisa da publicação de *Yodaka no hoshi* é desconhecida. Os biógrafos indicam 1921 como o provável ano de sua criação.

Frágil recipiente

Kawabata Yasunari
Tradução: Meiko Shimon

Há um antiquário numa esquina da cidade. A estátua de porcelana de Kanzeon¹ está no limiar entre antiquário e a rua. A estatura da estátua é de uma menina de onze anos. Quando os trens passam, a pele fria de Kanzeon vibra junto com as vidraças da loja, num tremor quase imperceptível. Sempre que passava em frente, eu sentia uma certa apreensão, temendo que a estátua tombasse. — E assim, tive um sonho.

O corpo da Kanzeon vem caindo diretamente ao meu lado.

Subitamente, estica seus alvos e roliços braços até então pendentes e abraça o meu pescoço. Era como se os braços de um objeto inanimado se transformassem em um ser vivo. Era uma sensação horripilante. E, assustado com o frio contato da porcelana, saltei para trás.

Não ouvi o barulho, mas a estátua de Kanzeon ficara despedaçada, espalhada na rua.

Agora, aquela garota está recolhendo os pedaços da estátua.

Acocorada. Pequena. Ela junta apressadamente os cacos de porcelana que cintilavam espalhados.

Fiquei surpreso com sua aparição e ia abrir a boca, sentindo necessidade de dar alguma explicação, quando despertei.

Parece-me que desde a queda da estátua de Kanzeon, tudo aconteceu num piscar de olhos.

Tentei dar um significado a este sonho.

"Igualmente vós maridos tratais suas esposas como um frágil recipiente."

Nessa época, lembrava-me com certa frequência destas palavras da Bíblia. Sempre associava a expressão 'frágil recipiente' a um vaso de porcelana. E, por extensão, associava àquela garota.

Verdade é que uma jovem é fácil de ser destruída. De certa forma, o próprio fato de ela conhecer o amor significa a destruição de uma jovem mulher. Eu pensava assim.

¹ Uma das formas de Bodhisattva, conhecida como Deusa da Misericórdia. Corresponde a Avalokitêsvara em nome sânscrito.

— Era por isso que agora, nos meus sonhos, ela estaria recolhendo apressadamente os seus próprios cacos que se espalharam?
(Yowaki Utsuwa: 1924)

Gafanhoto e Suzumushi¹

De Kawabata Yasunari
Tradução: Meiko Shimon

Vindo pelo caminho rente ao muro de alvenaria da universidade e ao passar por ele, quando alcancei as cercas do colégio, percebi o cantar dos insetos outonais. Os sons vinham do pátio cercado de caibros brancos, num matagal em semipenumbra sob escuras folhas de cerejeiras. Admirando o canto dos insetos, diminuí os passos e inclinei o ouvido; ainda me sentindo atraído e não querendo me afastar do pátio do colégio dobrei a ruela para a direita e depois para a esquerda, quando surgiu, no lugar dos caibros, um barranco com sebes de *karatachi*². Ao dobrar para a esquerda: "Hum?" Perscrutando lá adiante, com olhos brilhando pela expectativa, apressei os passos.

Ao pé do barranco mais adiante, balançavam as luzes de graciosas lanternas multicoloridas como se fosse uma festa do santuário Inari³, de uma remota e desolada região rural. Mesmo antes de me aproximar, notei que eram crianças à caça de insetos canoros no matagal do barranco. Eram cerca de vinte as luzes das lanternas. Cada lanterna iluminava em vermelho, rosa pálido, anil, verde, roxo, amarelo e demais cores, e algumas exibiam as luzes em várias cores. Havia também as pequenas lanternas vermelhas compradas no comércio. No entanto, a maioria era a bonita lanterninha quadrada feita pelas próprias crianças com muito esforço e imaginação. Para que neste barranco solitário reunissem vinte crianças com lindas lanternas balouçantes era necessário que houvesse um conto de fadas.

Uma criança da cidade ouvira, uma noite, o canto de *suzumushi* neste barranco. Comprou uma lanterninha vermelha de papel e naquela noite procurou pelo inseto. Na noite seguinte, já eram duas crianças. A segunda criança não podia comprar a lanterna. Recortou, então, uma caixa de papelão, as porções de frente e de trás, forrou-a com o papel colorido e colocou uma vela, prendendo no topo um cordão para pendurá-la. O número de crianças cresceu para cinco e depois para sete. Aprenderam a

¹ Suzumushi: espécie de inseto canoro. No outono produz sons que lembram sininhos (suzu).

² Karatachi: arbusto da família de Rutáceas, muito usado como cerca-viva.

³ Inari: Santuário xintoísta de caráter autóctone. Realizam-se festas de agradecimento à boa colheita.

recortar caixas de papelão, colar papéis coloridos nas janelinhas e enfeitá-las com os desenhos. E, com uma criatividade inesgotável os pequenos artistas recortaram as caixinhas aqui e ali, as formas de círculo, retângulo, losango e de folhas de árvores. Enfeitaram cada janelinha com celofane de diferente cor e, além de círculos e losangos vermelhos e verdes, fizeram seus próprios desenhos, chegando assim numa peça lindamente decorada. Já aquelas crianças que tinham as lanternas vermelhas sem originalidade compradas no comércio abandonaram-nas, assim também as outras que carregavam as lanternas de sua criação abandonaram essas de decoração simples. A luz que carregara na véspera já não satisfazia no dia seguinte e, assim, durante o dia, elas se sentavam diante da caixa de papelão e com folhas coloridas, pincéis, tesoura, canivete e cola, dedicavam-se a criar uma nova lanterna. E então, à noite: "Ó minha lanterna! Que seja mais original e mais bela!" As crianças saíam para caçar insetos. Não teria sido desse jeito que resultaram vinte crianças com belas lanternas diante dos meus olhos?

Fiquei parado, de olhos arregalados. As lanternas quadradas possuíam recortes, ora de desenho estilizado clássico, ora em forma de flores e havia, ainda, outras formas como o nome de seu autor: 'Yoshihiko' ou 'Ayako'. Diferente de desenhar sobre a lanterna vermelha, estas lanternas eram apenas de caixinhas de papelão recortadas e forradas de papéis coloridos e só tinham janelinhas recortadas que projetavam a luz da vela tal qual suas formas coloridas. Assim, iluminando matagais com as vinte lanternas, as crianças acoradas no barranco atentamente buscavam o canto dos insetos.

— Quem quer um gafanhoto? Um gafanhoto! gritou, de repente, levantando-se, um garoto que espiava entre as folhas de capins, sozinho, afastado das outras crianças por quatro ou cinco *kens*⁴.

— Eu quero! Eu quero!

Seis ou sete crianças aproximaram-se correndo e por trás do menino que descobriu o inseto espiavam o matagal. Mas, ignorando as mãos estendidas das crianças que acorreram e abrindo os braços como se protegesse o matagal que esconde o inseto, o garoto balançou impacientemente a lanterna da mão direita e tornou a gritar para as crianças que estavam a quatro ou cinco *kens* adiante.

— Quem quer um gafanhoto? Um gafanhoto!

— Eu quero! Eu quero!

⁴ 1 ken: cerca de 1,82m.

Quatro ou cinco chegaram correndo. Realmente, os insetos estariam tão escassos que até um gafanhoto era cobiçado. O garoto chamou pela terceira vez.

— Quer um gafanhoto?

Aproximaram-se mais duas ou três.

— Me dê, por favor! Me dê!

Uma menina, que só agora se aproximou do garoto que descobrira o inseto, falou atrás dele. O menino se voltou um pouco e docilmente se inclinou, trocando a lanterna da mão e colocou a mão direita no meio dos capins.

— É só um gafanhoto.

— Não faz mal. Me dê, por favor!

Erguendo-se logo, o garoto estendeu seu punho fechado diante da menina como se dissesse "Olhe!". A menina colocou no pulso o cordão da lanterna, que carregava na mão esquerda, e com ambas as mãos envolveu o punho do garoto. Serenamente, o menino abriu o punho. O inseto já estava entre o polegar e o indicador da menina.

— Mas, olhem! É o *suzumushi*! Não é gafanhoto! Os olhos da menina brilhavam ao ver um pequeno inseto de cor parda.

— É *suzumushi*! É *suzumushi*!

As crianças falaram num coro só, com visível inveja.

— É sim. É *suzumushi*, é *suzumushi*! afirmou a menina. Ela lançou um rápido e alegre olhar inteligente para o garoto que lhe dera o inseto e pegou a cestinha — uma gaiolinha para insetos — pendurada na sua cintura, colocando o inseto ali dentro.

— É mesmo um *suzumushi*, disse ela.

— É sim. É mesmo um *suzumushi*. Como se falasse para si, o menino que o havia apanhado levantou sua bela lanterna colorida para iluminar a menina que observava a cestinha erguida bem perto dos olhos, e olhava repetidas vezes para o seu rosto.

Então é isso! Ao mesmo tempo em que sentia um pouco de raiva da astúcia do garoto, lamentei a minha burrice por ter me dado conta tardiamente da sua atitude intencional. Mais ainda. Quase gritei de surpresa! Vejam, o peito da menina! Ninguém havia notado, nem o garoto que presenteara e a menina que ganhara o inseto, nem mesmo as crianças que os cercavam.

A tênue luz verde refletida sobre o busto da menina desenhava nitidamente o nome do garoto, "Fujio". Colocada rente à *yukata* branca da menina, a luz proveniente da lanterna do menino suspensa junto à cestinha

que a menina levantava refletia no seu busto o nome do garoto Fujio, tal qual na cor e na forma recortada de papel verde. E a lanterna da menina? Essa permanecia pendente no punho da sua mão esquerda e por isso não era tão nítida como "Fujio", mas se procurasse ler as luzes vermelhas balouçantes na altura do quadril do garoto era possível reconhecer o nome "Kiyoko". Essa brincadeira das luzes — seria mesmo brincadeira do acaso? — nem Fujio nem Kiyoko sabiam.

E assim, por mais que Fujio guarde para sempre na memória o fato de ter presenteado o *suzumushi*, como também Kiyoko de tê-lo ganho, ele não saberá nem por sonho e nem poderá lembrar que seu nome fora escrito pela luz verde no busto de Kiyoko, assim como o nome dela pela luz vermelha no seu quadril. Da mesma forma, Kiyoko não saberia nem por sonho e nem poderia lembrar que no seu busto fora gravado o nome de Fujio em luz verde, assim como no quadril de Fujio, o seu nome em luz vermelha.

Ouça, Fujio! Quando, na sua juventude, oferecer algo a uma mulher, dizendo: "Olhe, é um gafanhoto!" e entregar um *suzumushi*, sorria satisfeito vendo a felicidade dessa mulher que vibra: "Mas, oh!". Também, diga: "Olhe, é *suzumushi*!", ao entregar um gafanhoto a uma outra, e sorria satisfeito vendo a sua tristeza.

E, mais ainda, mesmo que apelasse a sua inteligência de ter procurado sozinho os insetos nos matagais longe das outras crianças, saiba que não será assim tão fácil encontrar os *suzumushis*. Suponho que também você pegará uma mulher feito gafanhoto, acreditando que ela é um *suzumushi*.

E por fim, quando chegar o dia em que seu coração nuvíoso e ferido lhe fará ver um gafanhoto como sendo um *suzumushi* de verdade ou sentir que o mundo estará repleto de gafanhotos, então, nessas horas, eu sentirei pena de que você não possua meios de recordar desta noite, da brincadeira das luzes de sua bela lanterna que desenhou com a luz verde seu nome no busto da menina.

(Batta to *suzumushi*: 1924)

Uma moeda de prata de cinqüeta sens¹

Kawabata Yasunari

Tradução: Patrícia de Negreiros Philippsen²

Revisão: Meiko Shimon

I

No início do mês, a mãe costumava colocar com sua própria mão, na carteira de Yoshiko, uma moeda de prata de cinqüenta sens.

Moedas de prata estavam se tornando raras naquela época. A moeda de prata que parecia leve e ao mesmo tempo pesada enchia de imponência e dignidade a pequena carteira vermelha de couro. Como ela tomava a precaução de não gastar sua mesada até o final do mês, a moeda costumava ficar na carteira, guardada na bolsa.

Embora não tivesse a intenção de rejeitar diversões próprias das moças de sua idade, Yoshiko não ia ao cinema ou à cafeteria com colegas de serviço por achar que não fazia parte de seu estilo de vida. Por não ter experimentado nenhuma vez, não se sentia atraída.

Uma vez por semana, ao voltar do escritório onde trabalhava, passava numa loja de departamentos e comprava o pão francês com o sabor apenas de sal, que ela adorava, por dez sens. Além disso, não fazia nenhum gasto especial.

Porém, um dia, na seção de artigos para escritório da Loja de Departamentos Mitsukoshi, um peso de vidro para papel chamou-lhe a atenção. Era de forma sextavada e com um cachorrinho em alto-relevo. Encantada com este cachorrinho, tomou-o nas mãos e sentiu o contato gelado e um peso inesperado que lhe proporcionaram uma sensação agradável. Yoshiko, que gostava dos artigos finamente trabalhados, sentiu uma atração irresistível. Por algum tempo colocou-o sobre a palma da mão, examinou-o e, com pena, devolveu-o cuidadosamente à caixa do mostruário. Custava quarenta sens.

Voltou lá no dia seguinte. Olhou aquele peso para papel com o mesmo ar de encantamento. E voltou a olhá-lo no dia seguinte. Repetiu isso cerca de dez dias, até que finalmente tomou a decisão:

— Quero isto.

Quando falou, sentiu o coração palpitando.

¹ Sen: um centésimo de iene, hoje em desuso.

² Acadêmica em Japonês-Português do Instituto de Letras – UFRGS.

Em casa, sua mãe e sua irmã mais velha riram.

— Parece um brinquedo isto que você comprou.

Enquanto o examinavam, pegando na mão, mudaram de opinião:

— Realmente, é mesmo muito bonito.

— É um trabalho bem feito.

Olharam-no contra a luz elétrica.

A face de vidro polida com esmero e a parte fosca do alto-relevo que lembrava a neblina encontrava-se em delicada harmonia e o corte preciso em hexágono apresentava um certo requinte. Era uma bela obra de arte para Yoshiko.

Havia spendido sete ou oito dias para que se tornasse objeto de sua propriedade. Por isso, não se importava com o que os outros comentassem, mas sentiu-se satisfeita com o reconhecimento da mãe e da irmã.

Levar dez dias para comprar algo de apenas quarenta sens poderia fazer as pessoas sorrir, pelo exagero, mas era necessário para ela, pois só assim ficaria satisfeita. Não tinha perigo de se arrepender por ter feito uma compra pelo impulso do momento. Refletia, contemplando o artigo por vários dias, até que chegasse à certeza do seu valor: não que essa menina de dezesseis anos tivesse tal bom senso. Ela tinha receio de desperdiçar dinheiro, pois fora ensinada que era algo muito precioso.

Passados três anos, quando recordaram do peso para papel e todas riram, a mãe falou com profunda emoção:

— Eu o achava realmente bonitinho naquela época.

Cada um dos pertences de Yoshiko tinha algum episódio como este que suscitava nostalgia nas pessoas.

II

Num domingo, Yoshiko foi à Mitsukoshi, aceitando o raro convite da mãe para fazer compras. Achando que era mais cômodo fazer compras indo até o último andar e depois descer, subiram de elevador até o quinto andar.

Terminaram de fazer as compras daquele dia e desceram até o térreo, no entanto, como se fosse algo totalmente natural, a mãe se dirigiu ao setor de ofertas do subsolo.

— Ai, mãe, está muito cheio! disse Yoshiko em voz baixa, mas a mãe não ouviu. Aquele ar de disputas de dianteiras parecia tê-la contagiado.

Sabendo que o setor de ofertas era feito para que as pessoas gastassem dinheiro sem motivo, Yoshiko seguiu atrás, um pouco afastada e

um pouco curiosa em observar a mãe. Como o ambiente estava bem refrigerado, não se sentia sufocada pelo calor.

Para começar, a mãe comprou três blocos de papéis para correspondência por vinte e cinco sens e virando-se para Yoshiko, trocaram sorrisos de satisfação, pois nos últimos dias vinha usando os papéis de Yoshiko que por fim reclamava. Assim, elas se olharam aliviadas: agora não teria mais problema.

A mãe era atraída por lugares mais abarrotados de pessoas, como os balcões de cutelaria ou roupas de baixo. No entanto, sem coragem para abrir caminho no meio das pessoas, ela se esticava toda para poder espreitar ou estendia a mão entre as pessoas que estavam a sua frente. Mas sem comprar nada e com ar de desapontamento, ainda demonstrando-se indecisa, encaminhou-se em direção à saída. Então, na saída, viu algo:

— Ué! Isto custa só noventa e cinco sens.

Pegou um guarda-chuva preto. Revirando os guarda-chuvas empilhados ali, a mãe ficou admirada ao observar que havia etiqueta de noventa e cinco sens em qualquer um deles.

— Barato, não é filha! Que barato!

Ao dizer isso, ficou subitamente muito animada. Parecia que aquele sentimento de indecisão que nublava seu coração tinha encontrado uma saída.

— Não acha que é barato?

— É mesmo! – disse Yoshiko que também pegou um. A mãe, segurando junto com Yoshiko o guarda-chuva, abriu-o:

— É barato, mesmo que considerasse só a armação. O tecido é imitação de seda, mas parece bastante firme.

Por que razão estariam vendendo por esse preço um artigo tão bem feito? Surgiu uma dúvida em Yoshiko e, então, em vez de entusiasmar-se, sentiu uma estranha aversão como se estivesse sendo empurrado algum artigo defeituoso. Por algum tempo esperou sua mãe que revirava a pilha freneticamente, procurando um que combinasse com sua idade.

— Mamãe, para o dia-a-dia a senhora tem em casa.

— Ah! Mas aquele lá – apenas lançou um rápido olhar para Yoshiko e continuou:

— Dez anos, ou será que tem quinze anos? E está antiquado e desgastado de tanto uso. Além disso, filha, seria até um bom presente para dar a alguém.

— Ah, sim! Se é para dar de presente, está bem.

— Quem quer que seja vai gostar de ganhá-lo.

Yoshiko sorriu, pensando para quem a mãe estaria escolhendo o guarda-chuva. Não havia ninguém com quem tivesse essa intimidade. Se tivesse, não usaria a palavra “alguém”.

— Vê isto, Yoshiko! O que você acha?

— Pois é . . .

Yoshiko respondeu sem muita vontade, mas se aproximou da mãe para ajudar a procurar um que combinasse com ela.

Mulheres vestidas de quimonos de tecido ordinário de seda artificial, ao passarem uma após outra, levaram os guarda-chuvas sem mostra de preocupação, dizendo: “Que barato!”

Yoshiko teve pena da mãe, que ficara com o rosto tenso e afogueado, e sentiu raiva de sua própria hesitação. Virou-se para ela com a intenção de dizer: “Compre logo qualquer um”. No entanto:

— Vamos desistir Yoshiko.

— Como?

Com um sorriso débil nos lábios, como se quisesse se livrar de algo, a mãe pôs a mão no ombro de Yoshiko e se afastou dali. Então, ao contrário, foi a vez de Yoshiko ficar com pena de desistir, porém caminhando cinco ou seis passos, sentiu-se totalmente aliviada.

Pegou a mão da mãe que estava em seu ombro, apertando com força, e sacudiu-a vigorosamente. Encostaram-se, ombro a ombro, e apressaram-se para a saída.

Isto havia acontecido há sete anos, em 1939.

III

Quando chovia na cabana coberta por folhas de zinco queimado, Yoshiko lembrava-se de que teria sido útil se tivesse comprado aquele guarda-chuva e sentia vontade de comentar, rindo, com sua mãe que o guarda-chuva custaria cem ou duzentos iens se fosse hoje, mas a mãe tinha morrido em Kanda, no grande incêndio de Tóquio³.

Mesmo que tivessem comprado o guarda-chuva, teria queimado também.

Aquele peso de vidro salvou-se casualmente. Yoshiko morava na casa dos sogros em Yokohama e quando a casa ficou em chamas, apressadamente apanhara os objetos ao seu redor e os colocara dentro do

³ Refere-se ao grande incêndio de Tóquio, de 19 e 20 de março de 1945, provocado pelo ataque aéreo da Força Aérea Americana que transformou as regiões Tóquio – Yokohama em cinzas, vitimou cerca de 210 mil pessoas entre mortos e feridos.

saco de emergência, estando entre eles o peso de vidro. Acabou sendo o único objeto de recordação de seu tempo de solteira.

Logo ao entardecer, ouvia-se os gritinhos estranhos das moças das vizinhanças nas travessas próximas, e comentavam-se que ganhavam cerca de mil iens em uma noite. Às vezes, Yoshiko olhava o gracioso cachorrinho esculpido, distraidamente, pegando na mão o peso para papel que levaria sete ou oito dias para comprar, quando tinha a idade dessas moças, e ao perceber que não havia nenhum cachorro nas ruas da cidade, agora transformada em cinzas, sentia um baque no coração.

(Gojissen ginka: 1946)

Página em Branco

A dançarina de Izu (*Trechos*)

Kawabata Yasunari

Tradução: Gizelda Ribeiro da Silva¹

Revisão: Meiko Shimon

CAPÍTULO I

O caminho tornara-se sinuoso e eu me aproximava mais e mais do topo da estrada que subia a Serra do Amagui, quando um temporal que vinha do sopé da montanha, tingindo de branco a mata de cedros, alcançou-me com uma velocidade espantosa.

Tinha dezenove anos então. Portava o boné do uniforme colegial² e vestia um *hakama* e um quimono azul-índigo salpicado de branco, trazendo a bolsa de estudante a tiracolo. Este era o quarto dia desde que partira sozinho para a Península de Izu. Passara uma noite nas termas de Shuzenji e duas noites na de Yugashima. Estava agora subindo a encosta do Amagui com tamancos de madeira de dentes grossos. Enquanto saboreava, encantado, os ares outonais que se vislumbrava nas camadas de montanhas sobrepostas na floresta nativa e no vale profundo, apertava o passo motivado por uma expectativa que fazia meu coração palpitar. Sem demora, começou a fustigar-me uma chuva de pingos cortantes. Então, galguei correndo a ladeira abrupta e sinuosa. Dei, por fim, à casa de chá do lado norte da passagem de Amagui, sentindo-me aliviado, mas parei imóvel à porta de entrada. Muito além do que podia esperar, acertara em cheio. Aí, um grupo de artistas ambulantes descansava.

Ao ver-me em pé, a dançarina prontamente levantou-se de seu coxim, virando-o às avessas, oferecendo-me o lugar.

— Sim..., falei, sentando-me no coxim. Sem fôlego, por ter galgado a ladeira correndo e, sobretudo, pela surpresa do encontro, a palavra "obrigado" ficou presa na garganta.

Por estar sentado bem próximo e frente à frente com a dançarina, atrapalhei-me ao tirar às pressas os cigarros guardados na manga do

¹ Bacharel e Japonês-Português e Espanhol-Português pela UFRGS. Professora de Japonês do Curso de Extensão – UFRGS.

² Curso colegial: Trata-se do curso intermediário entre o nível médio e universitário que havia no antigo sistema educacional japonês.

quimono. Outra vez, a dançarina gentilmente apanhou o cinzeiro que se achava diante de uma de suas companheiras e colocou-o perto de mim. Como antes, permaneci calado.

A dançarina aparentava ter cerca de dezesseis anos. Tinha os longos cabelos penteados à moda antiga, num estilo singular que eu desconhecia. Porém, o penteado harmonizava-se lindamente com seu rosto oval e sério, mesmo sendo encantadoramente pequeno. Parecia-me a gravura de uma mocinha dos romances populares cujos cabelos foram desenhados de forma abundante e exagerada. Na companhia da dançarina estavam uma mulher quarentona, duas jovens e um homem de cerca de vinte e cinco anos que vestia um *hanten*³, com a marca do hotel das termas de Nagaoka.

Já tinha visto as dançarinas duas vezes. A primeira, foi próxima à ponte do rio Yugawa, quando estava vindo para Yugashima e encontrei-as a caminho, indo para Shuzenji. Nessa ocasião, havia três mulheres jovens, e a dançarina carregava um tambor. Enquanto andava, eu olhava para trás várias vezes para vê-las, sentindo-me possuído por um sentimento poético de viajante. Depois disso, na segunda noite em que passei em Yugashima, elas vieram se apresentar no hotel onde me hospedara. Sentado no degrau da escada, eu olhava encantado a garota dançando sobre o assoalho do vestibulo.

— Se anteontem estavam em Shuzenji e esta noite em Yugashima, amanhã, provavelmente, irão para o sul em direção às termas de Yugano, atravessando o cume da serra do Amagui. Sem dúvida, poderei alcançá-las numa caminhada de sete *ris*⁴ até o alto da estrada montanhosa. Assim imaginando, apressava o passo, no entanto, o fato de encontrá-las justamente ali na casa de chá, aonde viera abrigar-me da chuva, deixara-me completamente embaraçado.

Pouco depois, a velhinha da casa de chá conduziu-me para um outro aposento. Tinha a aparência de ser pouco usado, nem havia a janela corrediça de *shoji*. Abaixo, descortinava-se um vale belíssimo e tão profundo que a vista não alcançava. Eu tiritava e batia os dentes de frio e tinha a pele arrepiada, feito pele de galinha. A velhinha trouxe-me chá, e falei-lhe que estava com frio.

— Nossa, como o senhor está molhado! Por favor, venha por aqui se aquecer um pouco e secar as suas roupas, disse-me a velha, e quase pegando a minha mão, conduziu-me para uma salinha particular da casa.

³ Hanten: quimono curto de trabalhador.

⁴ 1 ri: cerca de 4 km.

Nesta sala havia uma lareira cavada no soalho e, ao abrir o *shoji*, senti o impacto do calor intenso. Parei, indeciso, na soleira da porta. Junto ao fogo, sentado no chão de pernas cruzadas, estava um velho todo inchado e esverdeado qual cadáver de afogado. Virou languidamente em minha direção os olhos completamente amarelos que pareciam estar podres. Estava rodeado por uma montanha de sacos de papel e de cartas velhas, — a bem dizer, estava enterrado dentro daquele monte de papel velho. Vendo aquele assombro montanhoso, que dificilmente poderia se supor fosse um ser vivo, parei, imobilizado.

— Perdoa-me, senhor, por mostrar-lhe uma pessoa nesse estado tão deplorável. É o meu velho. Não se preocupe com ele. Embora desagradável para quem vê, ele não consegue se mover. Peço ao senhor permissão para deixá-lo assim como está, e desculpe-nos mais uma vez.

Pelo que a velha me contou, depois de ter assim se desculpado, o velho começou a sofrer de paralisia causada pelo derrame há vários anos, o que acabou atingindo o corpo todo. A montanha de papel era formada pelas cartas que recebera de todos os cantos do país com ensinamentos sobre o tratamento da paralisia e, também, as embalagens vazias dos remédios encomendados de diversas localidades. O velho ora interrogava os viajantes que atravessavam o passo sobre o tratamento da paralisia, ora lia os anúncios de jornais onde aparecesse algum método terapêutico, não deixava escapar nenhum e acabava encomendando medicamentos de várias regiões. Passava os dias contemplando aquelas cartas e sacos de papéis que tinha juntado em torno de si. Com o decorrer dos anos, aquilo havia se transformado em uma montanha de papel velho.

Sem saber o que responder à velha, baixei a cabeça em direção ao fogo. Um carro que transpunha a montanha fez estremecer a casa. Fiquei pensando na razão que levava o velho a permanecer naquele lugar no qual, mesmo ainda sendo outono, já era tão frio e não iria demorar muito para o cume ficar coberto de neve. Do meu quimono desprendia-se vapor d'água, e o fogo de tão intenso causava-me dor de cabeça. A velha retornara à loja e falava com uma das mulheres do grupo de artistas ambulantes.

— Puxa, essa é a mesma menina que esteve aqui com você da última vez? Você deve estar feliz por ela ter ficado uma boa mocinha da Ilha. Que bela moça ficou! Como as meninas crescem depressa, não é mesmo?

Ao cabo de uma hora, pude ouvir ruídos que indicavam que o grupo estava pronto para partir. Não era hora para ficar calmo, mas apesar de estar ansioso faltou-me coragem para levantar. Impaciente, nervoso,

sentado perto do fogo, raciocinei que mesmo que elas se afastassem dez ou vinte *chôs*⁵, poderia alcançá-las num pulo, pois, mesmo estando habituadas a viajar a pé, eram mulheres. No entanto, quando as dançarinas se foram minha imaginação ganhou asas e começou a dançar alegremente. Perguntei à velha, que fora se despedir do grupo:

— Onde a senhora acha que elas irão passar esta noite?

— Como poderia eu saber onde esse tipo de gente vai passar a noite, meu senhor? Se houver fregueses e dependendo das circunstâncias, dormem em qualquer lugar. Não devem estar preocupadas onde será o pouso desta noite.

As palavras da velha, ditas com tão profundo desprezo, deixaram-me excitado: se é assim, pensei, então, poderia pedir à dançarina para passar esta noite comigo.

A chuva amainara, e o cume da serra clareava. Apesar de a velha pedir com insistência que eu ficasse, pois, se esperasse mais uns dez minutos o tempo ficaria limpo e claro, não consegui mais permanecer ali pacientemente sentado.

Levantando, disse afetuosamente ao velho:

— Cuide-se, vovô. Porque vai fazer frio. Com dificuldade, ele moveu os olhos amarelados e concordou, balançando debilmente a cabeça.

— Meu senhor, meu senhor! Ouvi os gritos da velhinha que corria atrás de mim.

— Não sei como lhe agradecer. Não merecia tanto.

E fazendo questão de carregar a minha bolsa, insistiu em acompanhar-me, não aceitando recusas. Seguiu-me por mais de um *chôs* com seus passinhos curtos, repetindo sempre a mesma coisa:

— Não merecia tanto! Perdoa-me se cometi alguma falta. Lembrar-me-ei sempre do seu rosto. Da próxima vez que o senhor passar por aqui, procurarei retribuir a sua generosidade. Por favor, não deixe de vir. Eu nunca me esquecerei do senhor.

Havia lhe dado tão somente uma moeda de prata de cinquenta sens, por isso me senti comovido a ponto de querer chorar, porém querendo alcançar de uma vez a dançarina era-me um transtorno o andar trôpego da velha. Finalmente, acabamos por chegar ao túnel da passagem do Amagui.

— Muito obrigado. É melhor que a senhora volte daqui, pois o vovô está sozinho, disse-lhe. Ela, muito relutante, soltou a bolsa.

⁵ 1 *chô*: cerca de 110 m.

Gotas d'água geladas pingavam do túnel escuro onde acabara de entrar. À frente, uma pequena claridade indicava a saída para o lado sul da Península de Izu.

CAPITULO II

Da saída do túnel, o caminho da passagem ziguezagueava feito relâmpago e estava, por um dos lados, costurado por uma cerca pintada de branco. Como se fossem pequenas peças de uma maquete, pude avistar ao longe as figuras das dançarinas indo em direção às faldas da montanha. Não tinham andado mais de seis *chôs* e, logo, eu as alcancei. No entanto, não poderia diminuir de repente o ritmo dos passos e passei pelas mulheres, simulando indiferença. O homem que caminhava sozinho à frente, a uns dez *kens*, quando me viu deteve-se e falou:

— Como o senhor anda depressa! — Felizmente o tempo melhorou.

Respirei aliviado e comecei a andar ao lado do homem. O homem, sem parar, perguntava-me sobre diversas coisas. Ao nos ver conversando, as mulheres que seguiam atrás vieram correndo ao nosso encontro.

O homem carregava nas costas um enorme baú de vime. A mulher quarentona segurava no colo um cachorrinho. Cada uma das moças trazia uma bagagem grande; a moça mais velha, um grande volume de *furoshiki*, e a moça do meio, um baú de vime. A dançarina trazia às costas um tambor de banqueta. A mulher quarentona também se pôs a conversar comigo.

— Ele é estudante do colegial. Segredou a moça mais velha à dançarina. Virei para trás, e ela, sorrindo, disse:

— Pois é, sei que o senhor é estudante. Eu os vejo sempre quando vão lá para a ilha.

Contaram-me que o grupo todo era proveniente do porto de Habu, da Ilha de Ooshima. Deixaram a ilha na primavera e seguiram viajando, mas com o frio chegando e já que não estavam preparados para o inverno, depois das termas de Itô, passariam uns dez dias em Shimoda e de lá voltariam para casa. Quando ouvi "Ooshima" senti poesia e, novamente, contemplei os lindos cabelos da dançarina. Fiz várias perguntas a respeito da Ilha de Ooshima.

— Muitos estudantes vão lá para nadar, não é? Falou a dançarina para a companhia.

— Mas acho que só no verão, disse, virando-me para trás, deixando a dançarina encabulada.

— No inverno, também. Pareceu-me que ela respondera baixinho.

— No inverno, também?

A dançarina outra vez olhou para a companheira, rindo-se.

— Conseguem nadar no inverno também? Perguntei outra vez. A dançarina ruborizou-se e bem séria respondeu que sim com a cabeça.

— Que menina boba! Falou, rindo-se a mulher quarentona.

O caminho até Yugano era um declive de cerca de três *ris*, ao longo do vale do Rio Kawazu. Transposta a passagem do Amagui, parecia que até a cor das montanhas e do céu eram de uma tonalidade da região sulina. O homem e eu seguimos conversando sem parar e nos tornamos bons amigos. Foi quando já tínhamos atravessado os pequenos povoados, como os de Oguinori e Nashimoto, e podia-se avistar ao sopé da montanha os telhados de palha de Yugano, que criei coragem para lhe falar de minha decisão de seguir viagem com o grupo até Shimoda. Ele ficou muito feliz.

Em frente à pensão barata de Yugano, quando a mulher quarentona fez menção de despedir-se de mim, ele interveio:

— Este senhor expressou o desejo de viajar em nossa companhia.

— Pois é, assim é. Na viagem, se quer companheiros, na vida, compaixão. Se companhia como a nossa não lhe aborrece, servirá de passatempo. Bem, por favor, suba e tenha uma boa noite, respondeu a mulher sem embaraço.

As moças fitaram-me todas de uma vez só, mas fingindo indiferença e, em silêncio, continuaram me olhando, um tanto envergonhadas.

Subimos juntos para o andar superior da pensão e desfizemos as bagagens. Tanto o *fussuma*⁶ quanto o tatame estavam velhos e sujos. Do andar de baixo, a dançarina trouxe-me o chá. Quando se sentou diante de mim, suas faces tornaram-se rúbeas e, devido ao tremor de suas mãos, a xícara quase ia escorregando do pires. Ela, para evitar a queda, descansou-o sobre o tatame, mas, mesmo assim, acabou derramando o chá. Fiquei boquiaberto com o seu acanhamento excessivo.

— Mas que nojo! Esta menina já está botando reparo nos homens. Ai, ai, ai! — ao mesmo tempo em que falava, a mulher quarentona, bastante contrariada e com a testa enrugada, jogou-lhe uma toalha. A dançarina apanhou-a e muito desajeitada começou a enxugar o tatame.

⁶ Fussuma: portas de correr forradas de papel resistente que servem para separar os aposentos.

Com estas palavras inesperadas, subitamente, caí em mim. Com um estalo foram destruídas as fantasias que criei, instigado pela velha da passagem.

Momentos depois, repentinamente, a mulher quarentona falou, examinando-me demoradamente:

— Como é bonito esse tecido do seu quimono!

— Este padrão de tecido tem a estampa igual ao de Tamiji, não é mesmo? ... É sim. A estampa não é igual?

Disse-me, depois de perguntar com bastante insistência e várias vezes a mulher do lado.

— Deixe, lá na minha terra, um filho no colégio. Lembrei-me dele agora. Ele tinha um quimono com o mesmo desenho do seu. Hoje em dia, já não se consegue um tecido assim porque na verdade é muito caro.

— Em que escola está estudando?

— Está no quinto ano do primário.

— Ah, é mesmo... no quinto ano do primário?

— Sim, na escola de Kôfu. Embora estivéssemos vivendo a muito tempo na Ilha de Ooshima, somos de Kôfu, na antiga Província de Kai.

Depois de descansar por cerca de uma hora, o homem conduziu-me para outra hospedaria nas termas. Até então, acreditava que passaria a noite nessa pensão barata, junto com os artistas ambulantes. Saíndo da estrada principal, descemos por uma vereda de pedregulhos e por uma escada de pedra por cerca de um *chô* e depois atravessamos a ponte que ficava ao lado das termas públicas localizadas à beira do riacho. Diante da ponte ficava o jardim da hospedaria das termas.

Estava imerso em uma das banheiras internas da hospedaria quando o homem apareceu para se banhar também. Contou-me que tinha vinte e três anos e revelou-me que sua esposa perdera dois filhos, um por aborto e o outro por ter nascido prematuro, não resistiu. Como vestia um *hanten* com a marca das termas de Nagaoka, julguei que fosse de lá. Tentei imaginar, também, já que tanto a sua fisionomia quanto o seu modo de falar eram condizentes com os de uma pessoa estudada, se seria por capricho ou por estar enamorado de uma das moças dançarinas a razão pela qual estaria viajando com o grupo, ajudando a carregar as bagagens.

Saíndo do banho, almocei em seguida. Não eram ainda três horas da tarde, e eu saíra de Yugashima às oito horas da manhã.

No jardim, o homem que regressava ao ver-me cumprimentou.

— Compre caquis com isto, por favor. Desculpe o jeito, pois estou aqui em cima. Disse, jogando-lhe algumas moedas embrulhadas num

papel. O homem declinou e continuou o seu caminho, ao ver o pacotinho de moedas caído no chão do jardim, voltou e o apanhou.

— Não deve fazer isso, disse, jogando-o de volta. O pacotinho de moedas caiu em cima do telhado de palha. Atirei-o outra vez ao homem, que desta vez o pegou, indo embora.

Ao entardecer, começou a chover torrencialmente. O contorno das montanhas tingido de branco tornou-se indistinto, e o riacho da frente num átimo turvou-se amarelento, crescendo ruidosamente. Imaginando que a chuva iria impedir a apresentação das dançarinas e porque não conseguia ficar ali pacientemente sentado, fui tomar banho duas ou três vezes. O quarto tinha pouca luz. No corte quadrado feito no *fussuma*, que separava o quarto vizinho do meu, havia um dintel que pendia a lâmpada da qual provinha a iluminação para ambos.

Em meio ao barulho intenso da chuva, podia-se ouvir um tamborilar que nascia debilmente da batida distante de um tambor. Abri o *amado*⁷ como se quisesse rasgá-lo e debrucei-me para fora. O som do tambor parecia que vinha se aproximando. A chuva e o vento batiam-me na cabeça. Fechei os olhos, e com os ouvidos atentos, tentava descobrir o caminho percorrido pelo som do tambor que chegava até ali. Em seguida, podia se ouvir o som de um *shamisen*. Podia-se ouvir um grito agudo de mulher. Ouviam-se alegres risadas. Compreendi, então, que as dançarinas foram chamadas pelo restaurante que ficava defronte à pensão barata para animar o banquete. Podia-se discernir as vozes de duas ou três mulheres e as de três ou quatro homens. Pensando que ao terminar a festa no restaurante, talvez elas viessem a se apresentar na minha hospedaria fiquei esperando. No entanto, parecia que o excesso de alegria se transformava com o passar do tempo em algazarra. A voz estridente de uma mulher, de quando em quando, como se fosse um relâmpago, cortava afiada a noite escura. Com os nervos à flor da pele, permaneci, sentado, com o *amado* aberto, sem me mexer, por um tempo interminável. Cada vez que ouvia a batida do tambor, meu coração se aquietava.

— Ah! A dançarina ainda está sentada à mesa do banquete. Sentada, tocando o seu tambor.

Quando o tambor parava, sentia-me desesperado. Acabei por imergir-me na profundidade do barulho da chuva.

Sem demora, seguia-se, por algum tempo, um arrastar confuso de pés, como se todos estivessem brincando de pega-pega, ou estivessem

⁷ Amado: portas de madeira que ocupam toda extensão da varanda. Elas são fechadas só à noite, ficando durante o dia armazenadas num compartimento próprio.

dançando. Então, de repente, um silêncio total. Meus olhos chispavam. Desejava enxergar na escuridão a razão daquele silêncio repentino. Angustiava-me, imaginando que a noite da dançarina poderia estar sendo maculada.

Fechei o amado e deitei-me no leito, sentindo o peito sufocado. Fui tomar banho novamente. Dando tapões violentos, misturava a água quente. A chuva cessou, e a lua despontou no céu. A noite outonal lavada pela chuva estava límpida e iluminada. Pensei que mesmo que saísse descalço, esgueirando-me da sala de banho, nada poderia fazer. Passava das duas horas da manhã.

(Izu no odoriko: 1926)

Página em Branco

Praia ao Luar

Tradução: André Luis Aguiar¹

Na noite enluarada, um botãozinho,
Na beira-mar, estava caído.

Peguei-o, não que eu pretendesse usá-lo.
Não sei por que, não consegui abandoná-lo,
E, então, guardei-o no meu bolso.

Na noite enluarada, um botãozinho,
Na beira-mar, estava caído.

Peguei-o, não que eu pretendesse usá-lo.
Não pude jogá-lo à Lua,
Não pude jogá-lo às Ondas,
E, então, guardei-o no meu bolso.

O botãozinho que peguei, na noite enluarada,
Encantou os meus dedos e o coração.

O botãozinho que peguei, na noite enluarada,
Como poderia jogá-lo, meu botãozinho?

(Tsukiyo no hamabe: 1937)

¹ Acadêmico em Japonês-Português do Instituto de Letras – UFRGS.

Uma adolescência

Tradução: Kazue Imasato¹

Nas pedras negro-azuladas o sol de verão refulge,
O chão do quintal num vermelho intenso adormece.

Na linha do horizonte vapores elevam-se,
Como presságio do fim do mundo.

O vento varre rastejante
Os trigais vagamente cinzentos.

Como sombra das nuvens que passam céleres
Passo pelos trigais, como um gigante dos tempos idos ...

Hora, passado o meio dia, num verão
Quando todos sestando estão,
Eu corro através dos campos afora ...

Por entre os meus lábios, havia esmagado as esperanças,
E, com o olhar assustado, havia renunciado ...
Oh, agora eu sei! Sei que eu vivia!

(Shônen-doki: 1927)

¹ Acadêmica em Japonês-Português do Instituto de Letras – UFRGS.

Fantasia

Tradução: Meiko Shimon

Na noite de outono, eu sonho onde num lugar muito longe
Havia uma praia do rio, a praia cheia de pedregulhos
Que em leve tremor, cintilavam ao sol.
Com um leve tremor, os raios do sol cintilavam.

Mas era um sol que mais se parecia à pedra de quartzo,
Mais se parecia ao pó de um sólido insólito,
É por isso que, com um leve tremor
Produzia murmurinho de água a escoar.

Então, sobre uma pedrinha pausa agora uma borboleta,
Pálida, embora muito nitidamente
Deixa cair a sua sombra.

Depois que a borboleta desapareceu, não sei bem quando,
No leito do rio, em que até então não escoava a água,
Com murmurinho, estava escoando em suave
murmurinho...

(Hitotsu no meruhen: 1936)